

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Teatro

Área de especialização | Ator/Encenador

Trabalho de Projeto

## **Teatro comunitário: Ensino de teatro e cidadania**

Nereida de Carvalho Gomes da Costa Delgado

Orientadora | Isabel Maria Gonçalves Bezelga

Évora 2022





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Teatro

Área de especialização | Ator/Encenador

Trabalho de Projeto

## **Teatro comunitário: Ensino de teatro e cidadania**

Nereida de Carvalho Gomes da Costa Delgado

Orientadora | Isabel Maria Gonçalves Bezelga

Évora 2022

---

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Marcos Santos (Universidade de Évora)

Vogais | Isabel Maria Bezelga (Universidade de Évora) (Orientador)

Lucília Maria Valente (Universidade de Évora) (Arguente)



## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente Deus, pelo dom da vida que me foi concedida.

Agradeço ao meu esposo Fabrísio, aos meus pais Luís e Lucília, às minhas irmãs, Jazelina, Carmen, Ana Bela, Larisa e ao meu cunhado Jaime que de todas as formas contribuíram para que hoje eu pudesse realizar o sonho de uma vida, sem o suporte de todos eles não seria possível tudo isso.

Agradeço ainda ao Projeto Prócultura, ao Instituto Camões pela oportunidade concedida através da atribuição de bolsa de estudo de mestrado, em especial ao sr. Guilherme Bragança, que de forma incansável sempre se mostrou disponível em ajudar no que fosse necessário.

A autora não pode ainda deixar de manifestar o seu profundo reconhecimento á orientadora Dra. Isabel Bezelga, que de forma incansável, paciente e carinhosa, prontamente se disponibilizou para orientar o presente trabalho. e a todos os professores, por toda a paciência, o acolhimento e o aprendizado proporcionado ao longo de todo o curso.

Os meus agradecimentos se estendem ainda aos meus colegas e amigos de curso: Ana França, Mardginia, Geysla, Carla, Ana Penas, Daniel, Clara e Luisa, por todo o apoio, amizade e carinho.

Uma palavra de apresso também á Associação Amigos de Safende (ACAS), á *Kaza di Amizadi* na pessoa da sra Maria Antónia (Larinha), que prontamente acolheram o projeto, aos participantes da oficina, por todo o seu empenho e dedicação, á comunidade de Safende por todo o acolhimento e amizade e a todos os meus familiares amigos e conhecidos que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização do projeto



## **Teatro comunitário-ensino de teatro e cidadania**

### **Resumo**

Este relatório é o resultado do trabalho de projeto do mestrado em Teatro-Especialidade ator/encenador, Teatro comunitário-ensino de teatro e cidadania, que se desenvolveu na comunidade de Safende, situada na cidade da Praia, ilha de Santiago em Cabo Verde. Centrou-se nos pressupostos de Augusto Boal procurando estimular a discussão e problematização de assuntos políticos, sociais, éticos e estéticos, sendo que essa discussão foi realizada de forma ativa para que a postura de praticantes e espectadores pudesse constituir relevância face a conflitos, objetivos, desejos e problemas sentidos pela comunidade. Desenvolveu-se sob forma de oficina de expressão e criação teatral, ao longo de 4 meses, e teve como objetivo desenvolver uma relação criativa e de cumplicidade com os membros da comunidade, a partir de práticas teatrais colaborativas, que possibilitou trazer para a cena as suas vivências e seu quotidiano. O resultado do processo de criação, um espetáculo teatral ao qual foi dado o nome de “*Rialidadĩ*”, foi partilhado com a comunidade proporcionando uma reflexão alargada.

**Palavra chave:** Teatro, comunidade, cidadania, processo, reflexão



## **Community Theater-teaching of theater and citizenship**

### **Abstract**

This report is the result of the project work of the Master's in Theater-Specialty actor/director, Community Theater-teaching of theater and citizenship, which was developed in the Safende community, located in the city of Praia, Santiago Island in Cape Verde. It focused on Augusto Boal's assumptions, seeking to stimulate the discussion and problematization of political, social, ethical and aesthetic issues, and this discussion was carried out in an active way so that the posture of practitioners and spectators could constitute relevance in the face of conflicts, objectives, desires and problems felt by the community. It was developed in the form of a workshop on expression and theatrical creation, over 4 months, and aimed to develop a creative and complicity relationship with community members, based on collaborative theatrical practices, which made it possible to bring to the scene the their experiences and their daily lives. The result of the creation process, a theatrical show which was given the name “*Rialidadi*”, was shared with the community, providing a broad reflection.

**Key words: Theater, community, citizenship, process, reflection**



## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	8
<b>CAPITULO I - Enquadramento conceptual</b> .....	10
I.1.O contexto das práticas teatrais em Cabo Verde.....	10
I.2.Princípios e práticas do Teatro e comunidade.....	14
I.3. Tipos de teatro comunitário.....	16
I.4.Aproximações às perspetivas do Teatro e Comunidade em Cabo Verde.....	19
<b>CAPITULO II - Metodologias do teatro Comunitário</b> .....	22
II.1. Pressupostos e referência metodológica.....	22
II.2. Participação da comunidade.....	25
II.3 O papel do dinamizador/facilitador teatral.....	25
<b>CAPITULO III - Desenvolvimento do projeto</b> .....	28
III.1. Caracterização do contexto.....	28
III.2. Opções metodológicas.....	31
III.3. Organização da Oficina.....	34
<b>CAPITULO IV - Desenvolvimento da oficina teatral</b> .....	36
<b>CAPITULO V - Discussão dos resultados</b> .....	62
<b>Considerações finais</b> .....	67
<b>Referências bibliográficas</b> .....	68
<b>Anexos</b> .....	71



## Introdução

Em Cabo Verde, mesmo que de forma tímida o teatro comunitário vem ganhando espaço, mais concretamente o “Teatro para a comunidade”, não obstante o mesmo carecer de um aprofundamento e de uma reflexão que confira mais qualidade e intencionalidade às práticas desenvolvidas.

Com intuito de tentar mudar esse cenário, enriquecendo o que já existe e propondo outras formas de teatro comunitário, nomeadamente envolvendo e criando junto “com a comunidade”, realizou-se esse projeto de teatro na comunidade de Safende, centrado nos pressupostos de Augusto Boal, para estimular a discussão e problematização de assuntos políticos, sociais, éticos e estéticos, sendo que essa discussão é realizada de forma ativa para que a postura de praticantes e espectadores seja relevante face a conflitos, objetivos, desejos e problemas sentidos pela comunidade.

**Ao longo desse relatório se encontram presentes os seguintes 5 capítulos:**

**No primeiro capítulo** - Enquadramento conceptual, onde será realizada uma reflexão sobre a situação cultural e artística em Cabo Verde, com especial foco nas práticas teatrais, seguindo-se a análise dos princípios e práticas do Teatro comunitário.

**No segundo – Metodologias do teatro comunitário**, referem-se os principais métodos, técnicas e procedimentos utilizados,

**No terceiro capítulo** - Desenvolvimento do projeto, apresenta-se todo o trabalho realizado relativamente à Oficina encontrando-se subdivido em 3 pontos, nomeadamente:



Caracterização do contexto em que foi realizada a oficina; Opções metodológicas onde se encontram descritos os passos relativos à recolha de dados no diagnóstico e trabalho de campo que levaram à criação de oficina de teatro; E a organização da oficina, até à apresentação do trabalho final.

**No quarto capítulo** - Desenvolvimento da oficina, realiza-se a apresentação de todo processo e experiências significativas no contexto do trabalho em oficina ao longo dos 4 meses.

**No quinto capítulo** - Discussão dos resultados, faz-se a análise dos dados coletados junto de participantes e público e apresenta-se a reflexão sobre o desenvolvimento de todo o processo, discutindo-se os resultados do projeto,

Por fim apresentam-se as Considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

Seguem-se as Referências Bibliográficas do Relatório e Anexos.

A oficina realizada, durante 4 meses, teve como objetivo desenvolver uma relação criativa e de cumplicidade com os membros da comunidade, a partir de práticas teatrais colaborativas, que trazem para a cena suas vivências e seu quotidiano, criando oportunidade de expressão e criação teatral, desenvolvendo um processo de criação de acordo com as metodologias do teatro fórum bem como, descobrir e desenvolver novas formas de implicação na vida da comunidade e no fim dessas experimentações vividas, partilhar com a comunidade os resultados do processo de criação



## CAPITULO I - Enquadramento conceptual

### I.1. O Contexto das práticas teatrais em Cabo Verde

Em Cabo Verde, o teatro cabo-verdiano é tão antigo quanto o achamento do próprio arquipélago pelos navegadores portugueses, Diogo Gomes e António da Noli, entre 1460 e 1462, pois “(...) em todo o processo de formação do povo cabo-verdiano o teatro foi estando presente (...)”

(Branco, 2016, p.63).

Contudo lamentavelmente praticamente não existem registos bibliográficos sobre o teatro em cabo-verdiano, sendo que o único livro que fala e procura dar a conhecer um pouco disso, é *Nação Teatro-História do Teatro em Cabo Verde*, de João Branco, editado em 2004, que foi uma das referências usadas na elaboração desse relatório.

Foi no período colonial, através da igreja católica que sucederam as primeiras atuações teatrais, porém, tudo o que antes era permitido e que pudesse ser considerado tradição terra a terra nomeadamente, manifestações culturais de índole performativa, tais como a Tabanca, que “(...) será provavelmente o primeiro ato consciente da teatralização genuinamente cabo-verdiano da história do teatro em Cabo Verde.” (Branco, 2004, p.72), era analisado profundamente pela administração.

A Tabanca mesmo não sendo o chamado de teatro em si, ela possui uma enorme teatralidade, sendo que “A Tabanca com seu complexo enredo e normas, e as suas personagens claramente definidas é, pois, um enorme edifício cénico, que contempla o teatro em lugar fechado.” (Branco, 2004, p. 73).



Da mesma forma, outras manifestações muitas vezes de cunho festivo e celebratório dos grandes momentos da vida e do quotidiano, de colheitas, de nascimento e morte, ligados a ritualidade, eram também analisadas inclusive pela Igreja, pois a mesma não considerava muito católicas as tradições africanas, chegando mesmo de as intitular de pagãs e profanas.

Porém, “Muito possivelmente, o teatro começou a ser feito ainda antes da aparição da Tabanca, nos primórdios do povoamento de Cabo Verde, por iniciativa dos responsáveis eclesiásticos, como forma de ajudar a cristianização” (Branco, 2004, p.73).

Apesar de não se poder representar nenhuma cena que atingisse a moral da doutrina cristã ou que criticasse o sistema político que existe na época, por mais que a verdade fosse clara e evidente. a igreja, acabou por desempenhar um papel essencial “no despertar de um amor pelas artes cénicas” (Branco, 2016, p.127).

No entanto não obstante o facto de terem existido restrições, algumas dessas tradições performativas subsistiram, no carnaval, no *Sanjon*, no contar histórias, no canto dança, na poesia jogada e ao desafio, proveniente desse encontro intercultural até os dias hoje, transformando-se com o passar do tempo sem, no entanto, perder alguma da essência que possuíam, inclusive o teatro , denominado popularmente hoje, por “teatro terra-terra”, pois faz o resgate tradições antigas do povo cabo-verdiano e os apresenta de forma teatralizada, nomeadamente, recorrendo a linguagem oral e física, incluindo trajar e características de uso do espaço e moradia tradicionais.

Nesse tipo de criação abordam-se não só temas que faziam parte do quotidiano dos ancestrais, e as problemáticas existentes tais como, a seca e a fome, mas também se tem introduzido cada vez mais temáticas e/ ou problemáticas atuais que têm afligido a sociedade cabo-verdiano como por exemplo, as drogas, o alcoolismo, a VBG (Violência Baseada no Género), o desemprego etc.



Uma das outras características marcantes desse tipo de teatro é a comicidade que sempre se encontra presente independentemente do tema a ser tratado e a total ausência de imposição de qualquer tipo de restrições. É um teatro muito popular, apreciado e de reconhecimento tácito pelo público, sendo que é o que mais se apresenta nas comunidades.

Por ser um país formado por ilhas, e tendo cada ilha algumas tradições próprias, isso confere mais riqueza ao teatro “terra-terra”, pois sempre que um grupo de uma ilha se apresenta em uma outra ilha, possibilita aos seus habitantes ampliar o seu conhecimento cultural do país.

Outro tipo de teatro que subsistiu é o teatro religioso, que a partir da ação da igreja Católica é bastante difundido pelas paróquias nas comunidades, onde são frequentes as apresentações de temas bíblicos como por exemplo: histórias de vida dos apóstolo de Jesus, momentos chaves desde o nascimento à morte de Cristo.

Porém esse tipo de teatro depressa se traduziu em teatro popular, quer sob a forma de rituais de trabalho, quer gerando a comédia popular, vindo progressivamente a perder o seu caráter impositivo e nem servindo apenas para evangelização, no entanto não existem registos bibliográfico, essa constatação provém a partir do que se tem visto nesses tipos de apresentações teatrais ao longo do tempo.

De acordo com o historiador Correia e Silva (2005 *apud* Branco, 2016, p.63), entre os séculos XVI e XVIII, a sociedade cabo-verdiana era sob diversos aspetos, “teatralizadora dos momentos centrais da vida (...)”. Temos por exemplo os rituais da morte, como a chamada de “esteira” ligada essencialmente ao culto dos mortos, rituais antes de casamento, entre muito outros.

Segundo Branco (2016), na ilha de São Vicente, a partir dos anos 50, do século XX, a cidade do Mindelo, vivenciou a uma manifestação cultural magnífica, tendo como “ator principal” o teatro, sendo que o mesmo era feito, na maioria das vezes no âmbito dos clubes desportivos.



Mas acredita-se que o verdadeiro teatro cabo-verdiano terá surgido a partir de 1975, logo após a independência, com o surgimento de grupos locais, desenvolvendo a sua criação cénica à volta da cultura e tradições arquipelágicas, com raízes assentes, absorvendo a seiva africana, como *Korda Kauberdi*, com Kwame Kondé pseudónimo de Francisco Frago, em Setembro de 1975 (Kondé, 2010, p.47) com o objetivo de servir como *base* “para o arrancar dum teatro genuinamente popular, autenticamente caboverdiano, na perspetiva dos caminhos trilhados sociologicamente, tanto pelo teatro universal, como pelo teatro negro-africano a que contextualmente nos inserimos” (Kondé, 1980 apud Branco, 2016, p.104).

O *Korda Kauberdi* teve uma função extremamente importante e proeminente no teatro cabo-verdiano, isto devido não só a grande qualidade das suas exibições teatrais, mas também pelo fato de ter sido, o primeiro grupo cabo-verdiano, das artes cénicas, a participar em um festival internacional de teatro, em 1981, o FITEI- Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, com a apresentação da peça *Rei di Tabanka*, (Branco, 2016).

Outro grupo cabo-verdiano que, de acordo com Branco (2016), tem um papel marcante na história do teatro cabo-verdiano é o grupo da ilha de Santo Antão, *Juventude em Marcha*, “...fundado em 1984” (Branco, 2004, p.199), na região de Barlavento, no norte do arquipélago de Cabo Verde. O grupo tem uma importância enorme, pelo fato de ter conseguido ao longo dos seus mais de trinta anos de história, não só resistir a todas as dificuldades que qualquer outro grupo de teatro em Cabo Verde passa, como criar um estilo próprio inconfundível e marcante, facilmente identificável tanto a nível nacional como internacional.

Segundo o mesmo autor:

É um teatro que bebe na cultura popular da ilha, nos sotaques, nas vestes, nos costumes, nas histórias contadas pelos vales e ribeiras, resultado de uma recolha persistente e, claro, de muitas horas de ensaio. Um estilo que vive sobretudo da comédia, mesmo quando a história é trágica, com personagens fortes, reconhecidos nas ruas e com os bordões na boca do povo. São o grupo de teatro mais popular de Cabo Verde, amados por uma grande faixa da população e idolatrados na diáspora. (Branco, 2016, pp. 131-132).



O *OTACA* – Oficina de Teatro de Assomada –, com Narciso Freire (1979); Titina Silá, do *Grupo de Base de Achada* e Fátima da *JAAC-CV* de Santa Cruz (1981); *Associação Teatral Fladu Fla* (2005), *Grupo do Centro Cultural do Mindelo* (2009), são representantes de alguns dos outros grupos surgidos com o tempo em Cabo Verde.

Mas o expoente do teatro moderno em Cabo Verde é a *Associação Mindelact*, criada no Mindelo em 1995, com origem no *Grupo de Teatro do Centro Cultural Português*, liderada pelo encenador João Branco, e que leva a palco anualmente o importante e mundialmente conhecido certame *Festival Internacional Mindelact*.

O fazer teatro cabo-verdiano se traduz na reprodução dos dramas sociais, nos dramas estéticos, em que a experiência teatro se constitui como relato sobre a sociedade sobre a sociedade, tornando-se assim os processos culturais, sociais e históricos, matéria prima essencial do teatro cabo-verdiano. (Cardoso, 2020, p.4)

Em relação ao teatro comunitário, atualmente, mesmo que de forma tímida vem ganhando espaço, não obstante o mesmo carecer de um aprofundamento e de uma reflexão que confira mais qualidade e intencionalidade às práticas desenvolvidas.

Seguidamente para que melhor se compreenda a emergência destas práticas em Cabo Verde apresenta-se uma reflexão sobre as perspectivas e princípios conceptuais e práticos do teatro e comunidade.

## **I.2. Princípios e práticas do Teatro e comunidade**

Márcia Nogueira (2017), ao apresentar a conceituação de teatro e comunidade nos remete ao questionamento sobre “O que diferencia este teatro de outro? Qual a sua especificidade?”. (idem, pag.14), questões muito relevante para compreendermos e analisarmos a sua pertinência nas sociedades contemporâneas.

Podemos considerar que



Sempre que o ponto de partida (de uma prática teatral) for a natureza de seu público e sua comunidade. Que a estética de suas performances for talhada pela cultura da comunidade de sua audiência. Neste sentido estas práticas podem ser categorizadas enquanto Teatro na Comunidade. (Kershaw, 1992, p. 5 *apud* Nogueira, 2017, p.14).

De acordo com Nogueira no mesmo artigo, acrescenta que “Para Kershaw, toda comunidade é parecida no que diz respeito às diferenças internas que abriga e ao papel de mediação que assume entre o indivíduo e a sociedade” (*ibid.*, p.14).

É possível afirmar que existem atualmente uma grande diversidade de práticas teatrais na comunidade sendo desenvolvidas, nomeadamente nas Américas, Europa, Ásia e África.

Mesmo que em modalidades diferentes estas práticas têm o seu foco nos contributos das histórias e vivências da comunidade que são a base de uma dramaturgia coletiva. (Van Erven, 2001; Nogueira, 2007; Bezelga, 2016).

Nas últimas décadas diversos estudos vão consolidando conceptualmente este tipo de práticas nomeadamente através do uso de metodologias participativas e do Teatro do Oprimido (Boal, 1977; Nogueira, 2013; Koppers, 2007; Bezelga, 2016).

Tanto no Brasil, quanto em Portugal temos exemplos consistentes de práticas teatrais comunitárias que, regendo-se por métodos de criação coletiva e permanente negociação, mobilizam elementos de seus contextos para a co-criação dramaturgicamente de seus espetáculos, e que mobilizam a discussão de questões sociais, políticas e culturais. (Cruz, Bezelga, Menezes, 2020; Cruz, Bezelga e Aguiar, 2019; Coutinho, 2019; Nogueira, 2009) Salientamos a Tribo de Atuadores *Oi Nós Aqui Traveiz*, fortemente envolvida em questões sociais, tendo inclusive participado activamente na luta pelo fim da ditadura e democratização do país (Nogueira, 2009) como exemplo brasileiro e a associação do Porto, *PELE*, (Cruz, 2016) e o *Teatro Humano* dirigido por Rita Wengorovius em Portugal, entre outros exemplos.



### **I.3. Tipos de teatro comunitário**

Numa tentativa de sistematização destas práticas (Bezelga, 2012; Bezelga & Valente, 2009) baseamo-nos em Nogueira (2007) que afirma que:

Se pode identificar especialmente três modelos que se diferenciam em função dos objetivos e métodos serem decididos ou não pelas pessoas que participam dos projetos teatrais (...) **Teatro para comunidades**, este modelo inclui o teatro feito por artistas para comunidades periféricas, desconhecendo de antemão sua realidade. Caracteriza-se por ser uma abordagem de cima pra baixo, um teatro de mensagem. **Teatro com comunidades**, aqui, o trabalho teatral parte de uma investigação de uma determinada comunidade para a criação de um espetáculo. Tanto a linguagem, o conteúdo - assuntos específicos que se quer questionar - ou a forma - manifestações populares típicas - são incorporados no espetáculo. A ideia de vinculação a uma comunidade específica estaria ligada à ampliação da eficácia política do trabalho. **Teatro por comunidades**, o terceiro modelo tem grande influência de Augusto Boal. Inclui as próprias pessoas da comunidade no processo de criação teatral. Em vez de fazer peças dizendo o que os outros devem fazer, passou-se a perguntar ao povo o conteúdo do teatro, ou dar ao povo os meios de produção teatral. (Nogueira, 2007, p.2)

#### **O porquê do interesse no Teatro comunitário? Quais as inspirações sociais, educacionais, políticas?**

O teatro comunitário, surge como uma urgência das comunidades terem efetivamente oportunidade de fazer ouvir as suas várias vozes, diferentes com certeza, mas todas com extremo valor, tem chance de exprimir suas torrentes de vontades, anseios e de verem atribuídas uma importância e um valor enorme aos seus vastos conhecimentos e experiências vivenciadas.

Desta forma, os diálogos e partilhas que se estabelecem a partir desses encontros, não podem ser substituídas, dando possibilidade a pessoas dessas comunidades de se encontrarem, de se agruparem, de se comunicarem e se divertirem através do teatro.

Por conseguinte, da mesma forma que a habitação, a alimentação, a educação, a saúde e a segurança, está entre as prioridades, o teatro como uma expressão e manifestação artística, deve estar também nesse grupo de prioridades, uma vez que ela também é um direito de todo o cidadão.



No teatro comunitário os participantes têm a possibilidade de trabalhar usando práticas inclusivas sem fazer juízo de valor, a partir das suas práticas identitárias para que tenham uma perspetiva inclusiva, desta forma ela é aberta a todas as pessoas que quiserem dela participar de forma voluntária e desta forma todo o indivíduo com as suas singularidades tem o seu lugar. Estas práticas promovem igualmente a formação de novos públicos, pois os espetáculos chegam a uma grande franja da população que não tem hábito de frequentar as salas de espetáculo, ou de assistir a uma apresentação teatral.

Elas favorecem também a promoção do trabalho em equipa, o sentido de companheirismo, do compromisso, da entrega, o de saber escutar o outro, de se colocar no lugar do outro, o desenvolvimento do espírito criativo e crítico, ao mesmo tempo que se pesquisam e se procuram descobrir soluções para problemas práticos da vida comunitária.

Os grupos de teatro comunitário, possuem de uma certa forma uma ligação com a responsabilidade social, eles assumem um compromisso contínuo, de escutar, observar e não se calar diante da realidade que vivenciam, fazendo-se ouvir nas diferentes esferas sociais, o que lhes confere uma função política de justiça e luta pelos seus direitos.

Porém, a maior parte desses grupos luta para manter a sua independência e autonomia institucional e mantendo-se afastados das ligações religiosas ou estruturas partidárias, o que não impede que sejam constantemente assediados por partidos políticos que estejam no poder ou não, que tentam muitas vezes de alguma forma influenciar os trabalhos dos mesmos, e /ou ter algum controle sobre os eles, usando as fragilidades, principalmente em termos económicas, e as referentes a disponibilidades de espaços para ensaios e encontros, como arma.

Muitos grupos mesmo sem recursos se mantêm firmes e fortes, realizando o seu trabalho contando com a boa vontade, imaginação e capacidade artística dos membros, outros, no entanto, acabam por sucumbir.



De acordo com as tipologias de teatro comunitário citados por Nogueira (2007), sem sombra de dúvida, o que mais se adapta ao que se tem feito atualmente em Cabo Verde é o que se designa por “Teatro para comunidades”.

Em Cabo Verde tem-se apostado mais em levar o teatro para o “centro” com o teatro chamado de “teatro contemporâneo”, existindo produções de elevada qualidade, e também no chamado “Teatro terra-terra”, sendo este último o mais apreciado pelo grosso da população pelo seu carácter cómico, mesmo apresentando muitas vezes, um grande défice em relação a qualidade do produto em si.

Contudo e infelizmente, a maior parte dos grupos de teatros existentes, tem-se preocupado mais em trabalhar o teatro de fora para dentro, do que de dentro para fora, ou seja pouco profundo, perdendo-se dessa forma uma enorme oportunidade de criar trabalhos belos, de qualidade, profundos e com impactos reais e positivos para as comunidades, principalmente àquelas mais vulneráveis, que têm de lidar quotidianamente com diversos problemas, como alcoolismo e toxicodependências, desemprego, défice no acesso à água e transportes, etc., e cujos membros na maioria das vezes são discriminados, não são escutados de verdade e devido a esse estigma, eles, muitas vezes, também não estão propensos a ouvir e aceitar o que vem de fora da comunidade, potenciando assim bases para um diálogo e exercício de cidadania.

É nesse contexto que se revela a importância da oficina de teatro comunitário, como parte do projeto que dá corpo à elaboração deste relatório e onde se procurou conceber e materializar o que Nogueira (2007) afirmou ser um dos três modelos de teatro comunitário, o Teatro por comunidades.

Nas opções metodológicas de desenvolvimento do Projeto Teatro comunitário - Ensino de teatro e cidadania, vão ser apresentadas as questões, objetivos, opções metodológicas no desenvolvimento do mesmo, faseamento, dando vez à fase inicial de contacto e criação de relação



com comunidade local, diagnóstico, organização e montagem de oficina, partilha com comunidade e apresentações fora do contexto como forma de garantir imagem positiva da comunidade no exterior, visibilidade e interlocução.

#### **I.4. Aproximações às perspetivas do Teatro e Comunidade em Cabo Verde**

No que se refere às aproximações às perspetivas de Teatro e Comunidade em Cabo Verde podemos tomar como exemplo, o Teatro Comunitário religioso, que tem sido o lugar onde a maioria das vezes, muitos jovens têm tido a sua iniciação teatral.

Essa teatralização é feita por jovens que fazem parte de grupos ou ajuntamentos religiosos tais como os Escuteiros ou os Acólitos, pertencentes á comunidade e na maioria dos casos ocorre em épocas especiais, tais como o Natal, a Páscoa ou em alguma atividade pontual das paróquias. Este tipo de prática é válido para outras seitas religiosos que também fazem uso cada vez maior das artes para evangelização.

No entanto a igreja católica continua a ser a que mais a utiliza, talvez devido ao facto de a maioria dos residentes em Cabo Verde serem Cristãos-Católicos. Alguns grupos de teatro surgidos neste contexto, com o passar do tempo foram ampliando o seu campo de trabalho, não ficando apenas restritas ao campo religioso, mas se transformando em Companhias teatrais nacionais como é o caso da *Companhia Teatral Fladu Fla*, da cidade da Praia.

Pontualmente têm surgido projetos que trabalharam um pouco na linha de teatro na comunidade, nomeadamente quando surgiu o Projeto Socio Cultural *Grinhecim*, em 2008, promovido pela Associação Italiana *Fundazione Cariplo* e a *Associação Espaço Jovem*, coordenado por Verónica Bestteti, em São Vicente na comunidade de Ribeira de Craquinha.



No âmbito desse projeto foi ministrado de 2008 a 2010 uma formação teatral, destinada a jovens da comunidade de Ribeira de Craquinha mas, também, aos de outras comunidade que quisessem fazer parte desse trabalho.

Durante 2 anos esses jovens trabalharam nesse projeto, tendo apresentado performances no Festival Mindelact, em várias comunidades, assim como na Cadeia Civil de S.Vicente, dando-se assim origem ao grupo de teatro, que surgiu como fruto do projeto, denominado *Grupo Teatral Craq'Otchod*. Mesmo com o término do referido projeto, o grupo continuou activo, criando e realizando diversas apresentações teatrais, tendo realizado trabalhos em diversas instituições, entre as quais se destacam o Hospital Psiquiátrico da ilha de S. Vicente e o Centro Nhu Djunga, que faz acolhimento de crianças de e na rua e realizado também oficinas em várias comunidades entre muitos outros trabalhos.

O *Grupo Teatral Craq'Otchod* recebeu o Prémio de Mérito Teatral atribuído pela Associação Mindelact em 27 de março de 2013. Já é costume desta associação - no dia internacional do teatro, distinguir os que têm contribuído para a promoção das artes cénicas, podendo o prémio ser atribuído a grupos teatrais, atores, instituições e patrocinadores. O grupo foi distinguido não só pelo trabalho que tem realizado a nível da interpretação e criatividade, mas também, pela forte componente comunitária e inclusão social.

Contudo também já existiram casos de projetos financiados por diversas entidades, na maioria estrangeiras, tais com a Lux-Developement da Cooperação Luxemburguesa, ou instituições tais como a ANÁS (Agência Nacional de Água e Saneamento), para realizarem trabalhos para as comunidades, mas direcionando a sua ação para a sensibilização a diversas problemáticas, como foi o caso da *Caravana de teatro*, que de 2013 a 2016, trabalhou com temas tais como a utilização correta da água, a proteção do meio ambiente, o uso correto das casas de banhos, entre



outros, tendo como público alvo os alunos das escolas primárias das comunidades, mas acabando por abarcar toda a comunidade de várias ilhas de Cabo Verde.

Nesse sentido o projeto descrito no presente relatório foi concebido no sentido de aprofundar estas experiências, maximizando-as de tal forma para que possam ser replicadas em outras comunidades.



## CAPITULO II - Metodologias do teatro comunitário

### II. 1. Pressupostos e referências metodológicas

Quanto às metodologias do teatro comunitário, estas baseiam-se bastante nos pressupostos de educação pela liberdade e para todos/todas de Paulo Freire e de que todos podemos fazer teatro ou seja todo o ser humano é capaz de fruir a arte, de Augusto Boal . Segundo Telles (2003) Freire e Boal são referências incontornáveis para o trabalho teatral desenvolvido nesta abordagem, referindo que Freire

(...) defende a ideia de que o processo educacional deva abrir um diálogo, no intento de colocar o educando frente à sociedade para que se conscientize de seu papel e contribua para a transformação da estrutura social opressora e às metodologias do dramaturgo, diretor e teatrólogo Augusto Boal que trabalhando sobre os mesmos pressupostos de Freire, desenvolveu um fazer e estética teatral nomeando-o Teatro do Oprimido. (Telles, 2003, p.67)

Freire tinha uma filosofia em que a educação se deve basear no diálogo entre professor e aluno, propiciando a transmutação do estudante em um aprendiz ativo e dinâmico, deixando assim, de ser um ser passivo, que obedeça apenas ao que o professor lhe transmite, sem um senso crítico e servindo apenas como um depósito do que lhe é transmitido.

O método de Paulo Freire é dividido em três etapas: investigação, tematização e problematização. Sendo que tanto os alunos quanto os professores são transformados em pesquisadores críticos. (Beck, 2016, p.13).

O Teatro do Oprimido (TO), foi criado por Augusto Boal nos anos de 1960 e pretende usar o teatro como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação social (Cruz, 2019; Bezelga, 2013).

Segundo Boal (1982, p. 9) o TO se apresenta como “um teatro que seja realmente libertador e que comece por libertar o espetador da sua passividade, da sua condição de testemunha, e que o converta em ser ativo em protagonista do fenómeno teatral.”

De forma a melhor entender a multiplicidade de técnicas assim como a riqueza enorme do TO, podemos usar a chamada “Árvore do Teatro do Oprimido, onde cada ramo da árvore do TO diz respeito a uma técnica desenvolvida num período específico da vida de Boal, para suplantar limitações e tornar possível a transformação” (Cruz, 2019, para.2).



Fig. 1 Árvore de TO. Fonte: <https://oprima.wordpress.com/>

O Teatro do Oprimido, é uma excelente forma de intervenção social, muito bem estruturada e organizada, e ao mesmo tempo funcionando como metáfora.



A mesma

(...) assenta em três grandes princípios, que são as suas propostas mais fortes: a reapropriação dos meios de produção teatral pelos oprimidos, a quebra da quarta parede que separa o público dos atores e a insuficiência do teatro para a transformação social, isto é, a necessidade de ele se integrar num trabalho social e político mais amplo. (Cruz, 2019, p.3).

O teatro torna-se assim, a via que leva não só a um debate dos problemas, mas também conduz com suas práticas, à criação de sujeitos sociais ativos, que possam servir de forças multiplicadores na defesa pelos direitos e cidadania para a comunidade onde o Teatro do Oprimido está a ser aplicado.

Desta forma:

As temáticas são escolhidas de acordo com a realidade dos indivíduos que participam dos processos (...) é um tipo de teatro desenvolvido para atores e não-atores (...) possui técnicas de trabalho específicas que resultam em organizações de cenas e espetáculos(...) o público é considerado agente durante o espetáculo e pode ser convidado para participar em algumas propostas (...). (Bachega, 2021, p. 3)

O TO é repleto de jogos e dinâmicas que ensinam, educam, permitem que os envolvidos desenvolvam a sua capacidade criativa, ampliem o seu olhar perante o que os rodeia, permitelhes ao mesmo tempo uma experiência coletiva profunda, bem como aguça os seus órgãos dos sentidos (audição, tato, visão e olfato) e também a sua capacidade poética.

Pode-se afirmar que:

As brincadeiras utilizadas nos jogos teatrais, propostos por Augusto Boal, também oferecem um momento prazeroso pelo clima de liberdade em que os sujeitos liberam suas potencialidades, expressam seus sentimentos, emoções e sensações por meio de atividades que lhes permitem, ludicamente, explorar todas as formas de comunicação humana. (Borges, 2020, p.147)

Elas permitem os participantes experimentar o teatro com o corpo, dando-lhes a oportunidade de vivenciar as práticas de ator, através da exploração e domínio das suas ferramentas de trabalho psicológicas e físicas de preparação corporal, mental e vocal, do trabalho em equipa e de domínio da improvisação, para a estabelecimento do espaço cénico da ação dramática e da construção de personagens.

Évora 2022



Por conseguinte:

A abordagem teatral proposta por Boal foi pensada para ser acessível para pessoas sem treinamento teatral se expressarem na cena. Com base num arsenal de jogos são propostas diferentes categorias de trabalho, de forma a que os participantes possam experimentar posições diferentes das habituais, para que o ritmo e outros sentidos além da visão sejam exercitados. Nestas dinâmicas lúdicas o grupo se solta, apropriando-se de elementos da linguagem teatral, aproximando os participantes, e criando as bases para que as opressões vividas pelos participantes sejam compartilhadas, e ganhem forma através do trabalho teatral. (Nogueira, 2013, p.183).

O Teatro do Oprimido permite que os indivíduos se transformem em agentes de transformação da realidade perante as estruturas que os oprimem, tornando a comunidade protagonista de sua própria história.

## **II.2 Participação da comunidade**

O nível, o tipo ou a intensidade da participação da comunidade depende do tipo de teatro comunitário que foi ou que se pretende implementar, pois no caso do Teatro para comunidade, por exemplo, que é um “*teatro de mensagem*” (Nogueira, 2007), a comunidade participa apenas como espectador, sem uma intervenção mais forte uma vez que o trabalho é feito por artistas de fora, que apenas o vão apresentar às comunidades, e é o mais usado para trabalhos de divulgação e/ou sensibilização.

No que tange ainda á participação, refiram-se os

estudos que estabelecem relação entre práticas artísticas comunitárias e a participação cívica e política, destacando os contributos das experiências artísticas no reforço da participação cívica e política e nas mudanças comunitárias... (Cruz, Menezes e Bezelga 2021, p.7)

Ou seja, muitos desses estudos referem-se aqueles em que os indivíduos que promovem e/ou desenvolvem processos teatrais em comunidade têm como objetivo poder influenciar decisões na esfera política, de forma direta ou indireta.



O mesmo artigo ainda reforça que “O carácter multideterminado da participação cívica e política implica assumir que esta depende de distintos fatores como os sociodemográficos, macrossociais, proximais e psicológicos” (Cruz, Menezes e Bezelga, 2021, p.7).

Para finalizar, nesse mesmo trabalho, os autores afirmam que há outro tipo de participação, a participação cultural e artística que “remete para o acesso à fruição cultural, alargando--se, no entanto, ao envolvimento dos/as artistas não profissionais aos modos de produção cultural e artística” (Cruz, Menezes e Bezelga, 2021 p. 7).

### **II.3 O papel do dinamizador/facilitador teatral**

O (A) facilitador(a) é um(a) educador (a), na verdade, desempenha mais que um papel, pois trata-se de uma postura. Uma de suas atribuições é ajudar o grupo a perceber e compreender os diferentes elementos que compõem o movimento do grupo.

Um(a) facilitador (a) não pode transformar a realidade na qual os grupos vivem, mas pode proporcionar situações de jogo e debate que favoreçam o despertar para a transformação social. Ele/a é, em sentido amplo, agente que faz as conexões entre teatro, demandas e características da comunidade ou do grupo social com o qual trabalha e demais áreas de conhecimento que possam fortalecer a sua prática.

Nesse contexto, Bezelga (2013), analisa “as dimensões específicas que se colocam a quem actua no contexto de teatro e comunidade. Começamos por reforçar a condição do profissional de teatro com sólida formação teatral que encare o desenvolvimento do teatro e comunidade como um desafio artístico e cívico que corresponde às necessidades da cultura contemporânea” (*ibid*, p. 4).

A autora reforça a importância de “uma atitude criativa baseada na pesquisa e reflexão permanente (...) consistindo numa segunda pele” (*ibid*, p.4., citando Taylor, 2003, p. 27)



concluindo que existem alguns princípios que devem orientar qualquer tipo de projetos teatrais comunitários que se pretende implementar proporcionando: a existência de uma pesquisa e busca constante; explorando todas as narrativas possíveis; orientando-se para a concretização de tarefa; colocando dilemas e questionamentos; escutando e criando espaços reais de se fazerem ouvir as próprias vozes da comunidade.

Para Bezelga (2013), o facilitador ou facilitadora deve perceber que o seu papel vai muito além de um simples agente teatral. Antes de mais ele deve ter um papel de mediador, ou seja, o de facilitar o diálogo, a partilha de perspetivas entre os participantes pois, são pessoas, histórias, vivências e experiências totalmente diferentes. O papel do(a) facilitador(a), na verdade, vai muito além de uma simples prática teatral propriamente dita.



## CAPITULO III - Desenvolvimento do Projeto

### III.1. Caracterização do contexto

O presente projeto foi desenvolvido na comunidade de Safende - Cidade da Praia - Cabo Verde, de 9 fevereiro a 31 julho de 2021.

Impôs-se o Bairro de Safende por vários motivos. Em primeiro lugar pela sua história e percurso e em segundo lugar, pela sua dimensão em termos de população e por conseguinte pelo possível impacto que o trabalho desenvolvido pudesse ter. Também a própria ACAS (Associação Comunitária Amigos de Safende), através do envolvimento do seu ativista social Bernardino Gonçalves, já tinha mostrando interesse em realizar esse tipo de intervenção na comunidade, mesmo antes desse projeto surgir.

Contudo, antes de se embrenhar pelo desenvolvimento da oficina em si, convém fazer uma breve caracterização da comunidade.

O bairro de Safende terá começado a constituir-se nos anos 70, é o sexto maior bairro periférico da cidade da Praia. Os primeiros moradores eram principalmente pessoas do interior de Santiago que vinham para a capital trabalhar, à procura de uma vida melhor. Contudo, o bairro, nos anos 70 recebeu também migrantes de outras ilhas, pessoas do bairro vizinho de Vila Nova, e inclusive refugiados de Angola que fugiram da Guerra Civil (1975-2002).

Segundo Bernardino Gonçalves, mais conhecido por Dino “Fez-se aqui uma obra social, que acolheu pessoas que vieram de Angola, principalmente na chamada Rua de Obra, cujo nome vem precisamente das obras dessas casas sociais. São coisas que as pessoas mais velhas nos contam” (B. G., depoimento à autora, 2021).



Segundo Edzany Silva, presidente da Associação, a ACAS, com sede na Cidade da Praia,

É uma pessoa jurídica de direito privado independente, sem fins lucrativos, criada a partir da união dos moradores e amigos de Safende com o objetivo de refletir em comunidade os principais assuntos da vida comunitária nomeadamente educação, saúde, segurança, desporto, economia e coesão comunitária, bem como organizar e centralizar as forças dos moradores e amigos para representar de maneira mais eficaz interesses comuns dos moradores perante entidades parceiras nacionais e ou estrangeiras” (E S., depoimento à autora, 2021).

Outro pormenor, que segundo o Dino “não nos orgulha, mas é um facto é que fomos o primeiro Boca Fumo” e frisa que “provavelmente somos o primeiro ou o único bairro onde se fez um levante comunitário contra a venda de drogas no nosso bairro” (B. G., depoimento à autora, 2021).

Um outro aspeto relevante do bairro é ao nível religioso, pois o bairro possui o que, muito provavelmente, foi a primeira “mesquita” de Cabo Verde. “Há uma casa de oração e muçulmanos de vários bairros vêm rezar aqui” (B. G., depoimento à autora, 2021). Acrescentando ainda que o convívio com a maioria católica é bastante pacífico.

Entretanto, ao longo deste quase meio século Safende foi crescendo continuando a expandir-se tanto em suas vivências e histórias, quanto em termos demográficos, principalmente para os lados de Monte Gazela. Na maioria das vezes as construções são clandestinas, sem qualquer planeamento e/ou cumprimento das normas de segurança da construção, sendo que a maioria dos moradores se queixam de um certo “esquecimento” por parte das entidades políticas responsáveis, que segundo os mesmos só lembram deles nas épocas de campanha. Além da carência de infraestruturas, a zona é habitada por pessoas maioritariamente com fracos recursos económicos. Os moradores do Alto de Safende ficam a uma distância considerável da estrada principal e a total ausência de transportes públicos, criaram um isolamento forçado nessa parte específica, tendo os moradores gastos elevados nas deslocações, o que reforça ainda mais a pobreza.



É exatamente este isolamento que Bernardino realça. “Os autocarros só passam na estrada, que é longe para uma pessoa que viva lá em cima” (B. G., depoimento à autora, 2021). Para pôr cobro a essa situação foram recolhidas cerca de 743 assinaturas de moradores e que foram enviadas para a C.M. e para a empresa Sol Atlântico para que fosse acionada uma linha de autocarro nesta zona. Há cerca de um ano foi-lhes informado que passarão a contar com a linha 15 para essa zona específica, mas segundo Bernardino, desde a colocação do poste de sinalização das paragens, dos autocarros nem sinal ainda, estando por isso a aguardar, pelo que “a população pondera fazer uma manifestação caso essa situação se prolongue” (B. G., depoimento à autora, 2021).

Na verdade, a estrada por onde passa a linha atual, serve apenas uma franja da população que possui melhores recursos financeiros, sendo que muitas vezes possuem seus próprios veículos e / ou pagando por um táxi, cujo valor é bem mais barato do que para as pessoas que vivem afastadas da estrada principal. Desta forma, a população de alto Safende acaba por ser penalizada duplamente, tanto em termos de facilidade de mobilidade como em termos de gestão de rendimentos.

A pobreza é, numa visão geral sobre o Bairro, um dos principais desafios que a comunidade enfrenta a par com o desemprego, a habitação condigna, fácil acesso ao álcool e outras drogas, falta de infraestruturas sociais e episódios de violência.

Em quase dez anos, e conforme reiteraram os fóruns “Pensar Safende” realizados, pouca coisa mudou, sendo que os desafios se mantêm os mesmos.

Um dos desafios mais preocupantes, relacionado à onda de violência no bairro que inclui assaltos à mão armada, tem provocado agitação forte e até mortes, o que por pouco não colocou entrave na materialização da oficina, pois logo no início da mesma, houve um aumento exponencial de assaltos na zona. Segundo os moradores, isso deveu-se a alguns ex-presidiários que tinham sido



libertados naqueles dias, sendo que os mesmos acabaram detidos pela PN, tendo sido a maioria deles comprovados como culpados e regressando para a prisão.

Assim, a onda de violência realmente diminuiu, apesar de ainda ser preocupante, mas já permitiu a realização da oficina, onde inicialmente estavam inscritas 12 pessoas (devido a limitações impostas pela pandemia).

Contudo, devido a várias situações individuais e pessoais, concluíram com sucesso 8 participantes. A faixa etária mínima dos participantes inicialmente era de 15 anos, mas a pedido da ACAS, e após análise, foi reduzida a idade mínima para 13 anos, afim de se dar oportunidades a pessoas dessa faixa etária participarem, uma vez que desejavam integrar a oficina

### **III.2. Opções metodológicas**

Com o objetivo de conhecer e caracterizar a comunidade, analisando em conjunto os seus desejos e suas dificuldades e ao mesmo tempo tentando descobrir e desenvolver novas forma de implicação na vida da comunidade, foi necessário fazer uma pesquisa no terreno, ou seja, dentro da própria comunidade antes do inicio da oficina. Assim, no mês de novembro de 2020 foram feitos os primeiros contactos com a ACAS, (Associação Comunitária Amigos de Safende), através de um dos seus membros, o ativista social Bernardino, carinhosamente tratado por Dino, nos quais o mesmo partilhou algumas informações sobre a comunidade.

Ainda durante esse período foram feitas algumas visitas ao Bairro, e foi partilhado um documento sobre um estudo feito sobre a comunidade, para se enriquecer ainda mais as informações relativas a Safende.

Após os contactos iniciais com o Dino e as visitas realizadas, agendou-se um encontro com os membros da ACAS, em dezembro de 2020, onde foram apresentados os objetivos do projeto de



forma mais formal. Dessa reunião surgiu o interesse e compromisso dos mesmos disponibilizarem todo o apoio, inclusive a disponibilização do espaço necessário á concretização de oficina. Ficou assim estabelecida a parceria com a “Kaza di Amizadi”, um espaço de intervenção comunitária com objetivo de buscar a emancipação e potencialização do desenvolvimento pessoal e social dos moradores, coordenado por Maria Antónia, mais conhecida por Larinha.

A partir destes contactos em que começou a ser construída uma relação de confiança foi possível traçar os passos para a conceção da oficina.

Ficou ainda acordado que durante o mês de janeiro de 2021 seriam abertas inscrições para participação na oficina de teatro, para que a mesma pudesse iniciar-se em fevereiro, e assim aconteceu.

Na segunda semana de fevereiro deu-se início á oficina de Teatro comunitário.

Foi elaborado um plano de trabalho, distribuído em 3 sessões por semana. Inicialmente cada uma deveria ter a duração de 2h.00., mas a pedido dos participantes passou para 2 h.30. Contudo, para a criação do espetáculo, resultado dessa oficina, começou-se a perceber que esse tempo não chegava, pois era curto para montagem do espetáculo, pelo que as sessões passaram a ter a duração de 4h.30.

A oficina foi formada por um grupo heterogéneo de participantes, cuja idade mínima era 13 anos. Durante o mês de fevereiro a março a oficina foi conduzida através de jogos, dinâmicas de grupo, relação com o espaço e desenvolvimento de competências criativas na improvisação e dramatização, necessárias à construção da performance.

Durante o mês de maio recolheu-se materiais diversos (fotos, objetos, oralidades) na comunidade, através de encontros/entrevistas promovidos pelos participantes da oficina. Estes constituíram-



se como materialidades cénicas no desenvolvimento do processo de criação e foi realizada uma oficina fora da comunidade, numa praia de mar na cidade da Praia chamada de Kebra Canela. No fim de cada uma das sessões reservou-se um tempo para que cada um pudesse partilhar a experiência vivenciada na sessão.

Alguns participantes tiveram a oportunidade de assistir uma peça Teatral no âmbito da oficina, chamada de “Os dias de Birgitt” com texto dramático de Mário Lúcio Sousa e encenação de João Paulo Brito.

A peça conta a história de uma mulher que, de um dia para o outro, é confrontada com a inevitabilidade de uma doença terminal e proporcionou um debate sobre o tema entre os participantes

Em junho deu-se início à montagem e ensaios da criação, a qual os participantes deram o nome de “Rialidadi”, tendo a mesma sido apresentada primeiro na comunidade, no mês de agosto, com um total de duas apresentações, na Kaza di Amizadi e, posteriormente, no Palácio de Cultura Ildo Lobo no Platô.

No final de todas as apresentações, foram realizados momentos de partilha, onde o público pôde partilhar a sua opinião/ reflexão sobre o trabalho apresentado e ainda fazer perguntas sobre o mesmo, de uma forma dinâmica e interativa com os participantes, que puderam também fazer a sua partilha pessoal sobre a experiência.

Ao longo da oficina tivemos três convidados:

A atriz Abeline Lopes que deu uma oficina de improvisação e criatividade. Tivemos também a presença do Dramaturgo, Diretor artístico, ator, encenador da Companhia Sikinada João Paulo Brito, que assistiu a uma oficina afim de ver e conhecer de perto o trabalho que estava a ser desenvolvido, tendo feito uma partilha sobre o processo de criação da Peça “Os dias de Birgitt”



e o seu percurso no Teatro. Cada participante pôde também fazer perguntas e partilhar um pouco sobre a sua caminhada no teatro.

Ainda, em uma outra sessão, contámos com a participação do bailarino, coreógrafo e cantor Djam Neguim, que ministrou uma oficina sobre a corporalidade e expressão pelo movimento.

Foram recolhidos na primeira sessão, depoimentos dos participantes que se constituíram mais tarde em elementos e temas abordados no trabalho teatral, sobre vivências individuais e da comunidade, suas expectativas face á oficina e resultados que esperavam alcançar. Após a conclusão da oficina, que consistiu nas apresentações e partilhas, foi realizada uma nova recolha de depoimentos, onde os participantes puderam partilhar sobre o que foi essa experiência e se correspondeu á sua expetativa.

Na oficina realizada, a participação da comunidade foi fundamental, uma vez que todo o trabalho desenvolvido na oficina foi criado e concretizado pelos participantes, membros da comunidade, e uma vez que o tipo de teatro comunitário desenvolvido, foi o que Márcia Nogueira, nomeou de “Teatro por comunidade”. Ela não poderia ter sido concretizada, sem esse engajamento, sem essa entrega da comunidade, sendo que essa participação, não se restringiu apenas á participação direta na oficina enquanto atores, mas também de outras maneiras, por exemplo fazendo o registo fotográfico e /ou de vídeos da oficina, ajudando na conceção dos figurinos, no cenário, na luz, no som, enfim em várias outras frentes, de forma a que ninguém que quisesse participar, e fazendo parte de todo o processo ficasse de fora.

### **III.3. Organização da oficina**

As sessões das oficinas foram realizadas 3 vezes por semana, devido a alguns contra- tempos, e também para melhor se adaptar à disponibilidade dos participantes, os dias da semana variavam havendo sessões que aconteceram aos fins de semana.



De forma a estimular a sua criatividade e para tira-los da sua zona de conforto e leva-los a experienciar outros ambientes houve uma sessão feita numa praia de mar denominada Kebra Canela na cidade da Praia. Estava prevista uma outra sessão no interior da ilha de Santiago, mas por motivos de força maior não foi possível concretiza-la.

Foi recomendado que cada participante levasse vestuário apropriado que lhes permitisse se movimentar e fazer qualquer outra atividade de forma livre e confortável e que levasse água para beber, além de alguns cuidados básicos por causa da Covid -19.

Foi assumido por parte de todos um compromisso em relação às questões de pontualidade, assiduidade e respeito mútuo. Um aspeto que se tornou evidente, foi que ali não existia uma relação de professor e aluno, mas sim a de um grupo de pessoas, que estavam ali para vivenciar, criar e partilhar, e usando a arte com, de e para a comunidade, em um sentido de dar e receber mutuamente.

Foram usadas músicas tanto instrumentais como músicas com letras variadas, como forma de estimular a imaginação e a acuidade e perceção de distintos ambientes sonoros, mas igualmente como importante veículo de cultura popular que imprimiu leveza e descontração nas sessões.



## **CAPITULO IV- O desenvolvimento da oficina teatral**

No presente capítulo proponho descrever e refletir sobre a oficina, que se pautou pelo desenvolvimento de competências nos participantes no âmbito de 1 - Conhecimento de si e do outro; 2 - Corpos e vozes que expressam.;3-. Materialidades; e na negociação dos aspetos relativos às escolhas dos papéis, os ensaios e a montagem do espetáculo.

### **Conhecimento de si e do outro**

Entrando na concretização da oficina, a mesma foi realizada por sessões, e no fim de cada uma reservou-se um tempo para que cada um pudesse partilhar a sua experiência. Na primeira sessão da oficina (Anexos 1 a 3), demos início com a apresentação individual, mas não de forma convencional, pois foi solicitado a cada um dos participantes que o fizesse da forma mais invulgar que podiam, que não pensassem, mas sim que deixassem fluir, e foi muito interessante ver a forma que cada um o fez, uns com mais timidez outros com mais á vontade, cada um com as suas limitações, mas o melhor de tudo foi que ninguém ficou de fora ou se negou a fazê-lo resultando numa apresentação muito criativa.

A seguir à apresentação foi proposto que cada um caminhasse no espaço normalmente, através do jogo “caminhar no espaço” lhes tendo de seguida sido dadas algumas indicações sobre a melhor postura no andar, no olhar, de dar os passos corretamente, saber ocupar o espaço disponível e a importância que isso tem, tanto para uma atuação de um ator como para o dia-a-dia de cada um.

Durante a caminhada experimentaram-se momentos de pausa (estátuas) com pequenas correções no que tange à postura e a necessidade de sempre fechar os movimentos mesmo quando se faz



estátua. Aproveitando esses instantes foi introduzido o treinamento da respiração, através de demonstrações de forma de se respirar corretamente. As alterações de ritmo, força, energia e velocidade foram outro tipo de exercícios de movimento experimentados, variando de 1 a 7, sendo que em relação à velocidade não se optou por um intervalo maior, pois o espaço não é muito grande e também porque as máscaras dificultam a respiração.

Após esse período o grupo aventurou-se pelo jogo de relação, em que 1º tinham que fazer grupo de 2 depois de 3, de 6 consoante as orientações que recebiam. A partir desse jogo entramos no exercício da sardinha, em que tinham que se juntar e se deslocar como um só (como se fossem cardume de peixes, depois sem falar um deles sai do grupo e todos tinham que o seguir e imitá-lo em tudo que fazia, demos início assim ao trabalho sobre a importância de trabalhar em equipa e saber observar e escutar o outro.

Segundo o F.

Para 1º dia gostei muito mesmo, fiz coisas que nunca tinha feito antes, as vezes tenho muito receio em fazer determinada coisas, em me expressar e dizer o que penso e isso me dificulta muito no dia a dia, mas hoje gostei mesmo muito de todo o que fizemos e acredito que tudo isso e o que vamos fazer irá me ajudar muito mesmo. Tive dificuldade em todos porque estava com muito medo e muito receio, mas depois me senti muito melhor. (F., depoimento à autora, 2021)

O Í. reforçou afirmando que

Vou ser sincero, sou uma pessoa muito fechada e muito vezes me isolo das pessoas, porque penso muito e me perco nos meus pensamentos, mas através desses exercícios que fizemos hoje, tive que abrir e expandir a minha mente, pois caminhando juntos, estamos compartilhando um objetivo e as nossas ideias, por exemplo no exercício de sardinha tivemos que nos unir e trabalhar em conjunto, como um coletivo, devido a minha deficiência tive mais dificuldade nas mudanças de velocidades, mas isso para mim é muito bom, porque assim fazemos exercício físico e exploro mais as minhas capacidades e acredito que vou aprender muito mais, ao longo dessa oficina. (I., depoimento à autora, 2021).

Na segunda sessão (Anexos 4 a 9), após as saudações iniciais, seguidas da caminhada no espaço deu-se início aos jogos e exercícios para essa sessão, que contou com dois participantes novos, que foram rapidamente acolhidos e integrados por todos. foi realizado mais um exercício de



respiração, bem como outro de movimento, em que se trabalharam as diversas velocidades e ainda deu-se o aprofundamento dos exercícios de criação de imagens paradas (estátuas).

Foi interessante constatar que os próprios participantes já se sentem à vontade e se autocorrigem sempre que sentem que não estão a fazer como deveriam e mais ainda, ajudam-se mutuamente dando dicas e instruções.

Os dois participantes novos inicialmente foram ter à “*Kaza di amizadi*” para tratar de outras coisas, mas por iniciativa dos participantes, foram incentivados a experimentar a nossa sessão sem nenhum compromisso e acabaram por ter um desempenho nos jogos que surpreendeu a todos e, no fim, já se sentiam parte do grupo. Tanto que afirmaram com convicção que iriam continuar até ao fim.

Foi introduzido nesse encontro o 1º jogo/exercício de orientação da Viola Spolin (2010). Segundo a autora as sessões de orientação não devem ser vistas como um mero processo introdutório ou para se ficar “acostumado”, “...é por outro lado, o primeiro passo para a criação da realidade colocada diante do aluno-Actor, como tal, tem um valor significativo para o iniciante” (Spolin, 2010, p.45).

O jogo de orientação experimentado chama-se Exposição (Spolin, 2010, p.47), em que o grupo é dividido em dois. Enquanto o 1º grupo vai para o palco o outro fica como plateia, os dois grupos se olham mutuamente, sem falar, sem rir ou sorrir, apenas se olham, quando se perceber que o grupo do palco está bastante desconfortável, lhes é proposto por exemplo, que contem algo que esteja no alcance dos seus olhos mesmo que tenham de contar o mesmo objeto várias vezes. Quando se notar que estão muito mais relaxados e confortáveis podem continuar. Seguidamente faz-se a troca dos grupos, ou seja, o da plateia vai para o palco e o do palco vai para a plateia realizando o mesmo processo.

No fim são colocadas as seguintes questões ao grupo para responderem:

Évora 2022



1. Como se sentiram logo quando subiram ao palco?
2. Como sentiu o teu estômago? E os vossos olhos?
3. Como se sentiu quando estavam a contar?
4. Qual a sensação no estômago depois da contagem?
5. Você sentiu o relaxamento do ombro e do pescoço?

Depois da partilha por parte dos participantes, foi-lhes explicado que segundo Spolin, a contagem que eles fizeram chama-se de ponto de concentração do actor, e que ao realizar a contagem (ter alguma coisa para fazer) progressivamente será substituído por um problema de actuação, cada vez que fazemos um exercício, e que este problema de actuação, essa alguma-coisa-para-fazer, será chamado de Ponto de Concentração.

L. considerou que:

Nesse exercício trabalhamos com foco e concentração, nos ensinando que devemos nos focar e concentrar sempre no que estamos a fazer, eu me desconcentrei muitas vezes porque não é fácil. O facto de observar o publico me fez ver que muitas vezes não observamos que está ao nosso redor, não sabemos ver os outros nos olhos e isso é muito importante, esse treinamento é muito bom para quem faz teatro porque temos que saber estar em palco. Gostei muito e quando for para casa vou treinar. (L., depoimento à autora, 2021).

Ainda ao serem questionados sobre o que sentiram nessa sessão em relação á primeira Í. confidenciou que

No 1ª dia não sabia o que me esperava por isso estava com receio, mas com vontade de fazer algo novo e ansioso ao mesmo tempo o que dificultou um pouco, mas hoje me senti muito melhor” e Zezinha reforçou dizendo “No 1º dia estava mais tensa, mas hoje me senti mais á vontade, por exemplo as velocidades 1 apesar de estar ainda com dificuldades senti que fiz melhor que a 1ª sessão e vou melhor ainda mais. (I., depoimento à autora, 2021).

A 3ª sessão (Anexo 10 e 11), foi mais uma repleta de energias positivas e trabalho, onde iniciou-se com exercícios de alongamento e aquecimento corporal seguido do habitual caminhar no espaço e consciência de sua ocupação, desta feita como introdução de mais alguns jogos/exercícios no andar. Jogo esse que consistiu em fazer caminhadas com o corpo pesado e corpo leve, depois fazer a caminhada com o corpo aberto, corpo fechado concluindo com a

Évora 2022



introdução dos níveis alto baixo alto e médio, permitindo explorar o corpo e as suas limitações e ao mesmo tempo ter consciência e cuidado do seu corpo, do espaço e do outro.

Na 4ª sessão (Anexos 12 e 13), que foi muito intensa e surpreendente após o aquecimento corporal, o nosso trabalho foi um recapitular dos jogos/exercícios já efetuados em sessões anteriores devido à presença de mais 5 participantes novos, para que os mesmos, ficassem mais enquadrados com o que se tem vindo a desenvolver na oficina.

Foi uma sessão exclusivamente feminina, pois infelizmente os rapazes, por razões diversas, não puderam comparecer. Segundo os participantes, a 3ª e 4ª sessões da oficina foram ainda melhores que as restantes, pois os elementos novos introduzidos, que exigem um pouco mais do corpo, lhes permitiram explorar o seu corpo como nunca o tinham feito antes, lhes proporcionando a possibilidade de ir um pouco mais além do seu limite, com jogos tão simples, mas ao mesmo tempo tão completos permitindo-lhes “suarem a camisola”, mas de uma forma extremamente prazerosa.

Os participantes inclusive afirmaram estar surpreendidos e ao mesmo tempo contentes com o desenrolar da oficina que tem sido cada vez mais interessante, na medida em que em cada sessão aprendem algo novo e estimulante que lhes será útil como pessoas e para as coisas que fazem e/ou querem fazer para sua comunidade.

Como afirmou Í.:

Cada sessão a oficina está cada vez mais interessante, e estamos sempre a aprender coisas novas, que nos permitem ganhar agilidade, força e flexibilidade através dos jogos de níveis, tipo de andar e respiração. Tenho algumas dificuldades por causa da minha deficiência, mas esses jogos para mim são muito importantes e serve como uma fisioterapia que me ajudam muito.” (Í., depoimento à autora, 2021)

E para K. que participou pela primeira vez: “... já tive contacto com o teatro, mas aquele teatro muito básico sem as noções reais das ferramentas necessárias para fazer teatro, mas gostei muito do que aprendi aqui hoje e quero continuar. (K., depoimento à autora, 2021)

Évora 2022



Na sessão 5 (Anexo 14), introduziu-se um jogo novo, em que cada participante tinha que escolher um nome de uma fruta, legume ou hortaliça, seguidamente através de numeração aleatória fizeram-se grupos de 2 a 2 e cada dupla tinha que estabelecer um diálogo entre eles, usando apenas o nome escolhido pelo companheiro.

Foi muito divertido e relevante perceber a interação entre os pares e o melhor foi no fim, quando cada um explicou o que estava a falar com o colega, constatando-se que na maioria dos casos os temas acabavam mesmo por ter uma certa lógica e acabavam por se complementar. Já por último fez-se um exercício em que era narrada uma história e os participantes tinham que interpretar o que ouviam e expressar com o corpo.

Ao longo dessa narração poderiam representar os diversos tipos de sensações, tais como, frio e calor, usar diferentes velocidades e níveis, andar aberto e fechado. Ao mesmo tempo tinham total liberdade de criarem e improvisarem em ambos os jogos.

Quanto às partilhas sobre a experiência da 5ª sessão e as principais dificuldades que sentiram, infelizmente por razões técnicas, perdeu-se toda a gravação das mesmas. No entanto ficou claro que, durante a sessão todos gostaram e aprenderam bastante com os jogos realizados e todos foram unânimes a afirmar que uma das coisas que aprenderam é que realmente muitas vezes não são precisas palavras para compreender o outro ou estabelecer uma comunicação, basta saber ouvir e dar atenção ao outro.

A 6ª sessão (Anexos 15 a 17), foi especial, pois ela foi realizada fora da comunidade, numa praia de mar denominada de Quebra Canela. Nesta sessão trabalhámos os órgãos dos sentidos e fez-se um exercício de relaxamento. Deitados em círculo procedemos ao relaxamento com massagens individuais a cada participante. Ainda em círculo trabalhou-se a audição, através da escuta dos sons das ondas do mar; o olfato, através do cheiro circundante; o paladar sentindo o gosto do sal



e açúcar (sem o conhecimento prévio dos participantes); o tato através das sensações de seco e molhado. Essa sessão foi muito intensa, e profunda com momentos muito emotivos.

Sair da sua comunidade e experimentar outras sensações e a liberdade num espaço aberto e ao ar livre foi fundamental para extravasar a capacidade criativa e imaginação dos participantes, fazendo-os sair da sua zona de conforto, enfrentado outros fatores e outros obstáculos.

Segundo a É.:

(...) foi muito bom, apesar de sentir inicialmente uma sensação de medo ao ficar deitado com os olhos fechados e quando senti o liquido na cara, fiquei com curiosidade, contudo apesar desses receios o meu corpo não reagiu com violência quando senti esse a cara molhada sem estar a espera, quando nos foi pedido para abrir a boca fiquei ansiosa a imaginar que poderia ser algo bom como o chocolate por exemplo (risos), mas quando engoli a saliva e senti o sal fiquei surpresa (risos), contudo depois quando abri novamente a boca, senti de imediato o sabor doce, ou seja o próprio corpo já reagiu de forma diferente, com mais sensibilidade, a sensação do sol no meu corpo foi estranho ao mesmo tempo bom. Durante a sessão toda senti uma espécie de pressão e uma luta entre a minha mente e o meu corpo, porque nunca tinha sentido o meu corpo dessa forma, quando nos foi pedido para começamos a nos movimentar suavemente e mudei de posição acabei por relaxar tanto que quase adormeci (risos). Mas foi uma conjugação de sentimentos muito intensos, ansiedade, medo, um certo desconforto, o sentir a natureza mesmo sem ver, parar e apenas sentir, isso me fez muito bem porque nunca tinha experimentado essa sensação, por isso gostei muito mesmo. Espero que se repita mais vezes (risos), senti-me muito mais focada e muito mais concentrada aqui, a minha mente muito mais aberta, mesmo sabendo que havia outras pessoas ao meu e que provavelmente estavam a nos observar. (É., depoimento à autora, 2021)

Na 7ª Sessão (Anexos 18 a 20), deu-se início com o aquecimento corporal, e jogos de movimentos corporais retilíneos e curvilíneos (Boal, 1982, p. 66) seguido do aquecimento vocal com sons que incluem vogais e consoantes. Realizámos ainda exercícios de concentração e memória através de jogo com pequenas sílabas, de seguida foi pedido que cada um escolhesse um movimento e um som e, juntando os dois (1 para cada participante), foi possível posicionarem-se de forma a não perder a conexão com o outro, formando assim uma espécie de máquina, ligando todos os elementos. Esse exercício trabalha o ritmo, a coordenação motora, a atenção ao outro e a interdependência além da criatividade.

Para K:

Assim como os restantes dias, foi muito bom e são coisas que vão nos servir para a vida”, tais como postura, a respiração saber escutar o outro e a mim mesma. Em relação ao novo exercício, foi muito

Évora 2022



interessante, por nos ajuda a trabalhar na coordenação motora e no trabalhar em conjunto com os restantes a colega e a dominar o nosso corpo, se pudesse dar um nome a esse jogo chamaria de “Rua de obra”, é a rua onde estamos, por ser agitado cheio de ritmo e movimentos e a parte de memorização foi um pouco mais difícil, no ultimo exercício que fizemos, mas senti-me muito bem, com o corpo mais ágil, principalmente porque sou preguiçosa (risos) e nos ajuda a despertar o corpo. (K.; depoimento à autora, 2021)

E a S. completa afirmando: “Tenho gostado muito de todas as sessões, sinto mais dificuldades na respiração (risos) mas estou dando o meu melhor (risos).” (S.; depoimento à autora, 2021)

No que tange à 8ª sessão (Anexos 21 e 22), após o habitual aquecimento e alongamentos realizámos a nossa caminhada, com a adição de outros exercícios nomeadamente (estátua, saltos e sentar).

Posteriormente demos início ao exercício do hipnotismo, (Boal, 1982, p.74), que consistiu em fazer duplas de participantes. Num primeiro instante um age como hipnotizador e o outro como hipnotizado. O hipnotizador com um braço estendido e com a palma da mão direcionada para o rosto do companheiro, o guia por todo o espaço explorando de todas as formas os diversos ritmos, níveis e velocidades. A marionete deixa-se guiar como se estivesse hipnotizada.

No segundo momento trocam de papel e no terceiro ocorre a troca de pares entre os participantes.

Das partilhas feitas realço a da Sra. P. (mãe de J.):

Gostei muito mesmo (risos), no outro dia quando a Joelma me disse que queria vir, e ela estava tão empolgada (risos), permite, mas vim cá para poder ver e entender melhor o trabalho que estão a desenvolver aqui, só fiquei na plateia (risos) mas gostei mesmo muito do que vi e sempre que puder virei cá e darei meu contributo da forma que eu puder (risos). (P., depoimento à autora, 2021)

### **Corpos e vozes que expressam**

É muito importante fazer com que os participantes consigam ter uma melhor perceção de si mesmos e dos diferentes níveis de compreensão sobre o que o seu corpo é, assim como do que está à sua volta. É necessário ir além do simples conhecer a si mesmo, há que se compreender



também na relação com o espaço que o envolve, com o outro e com tudo que está invisível à sua volta.

O corpo, mesmo para os não atores é uma das principais ferramentas usadas, é ele que recebe todo o impacto diário do que nos envolve, do que acontece no mundo e ao mesmo tempo é por causa dele que não paramos.

A preocupação com o corpo do ator deve ser permanente, desde os cuidados gerais aos exercícios mais específicos, desde as noções básicas aos estudos mais avançados. Essa preocupação tem a ver com o ser consciente e a libertação desse corpo, normalmente fechado e reprimido. “Trabalhar o corpo”, frase muito usada nas salas de ensaio, significa libertá-lo, moldá-lo e conhecê-lo através dos exercícios e jogos teatrais, sejam eles técnicos ou de criação. Com os jogos e dinâmicas propostos na oficina, eles realmente conseguiram falar com seu todo, e criar e expressar-se nas mais variadas formas.

Nesse bloco, que se iniciou na 9ª sessão (Anexos 23 e 24), onde após a realização de exercícios de aquecimento e disponibilização, passámos ao exercício de “máscaras”. Realizou-se um outro jogo novo denominado “Espelho”, de Viola Spolin (2010, p.55). Ele é realizado em pares, em que o jogador A é o espelho e o B inicia os movimentos lentamente, olhando nos olhos de A. B realiza uma atividade ou movimento simples e o A reflete todas os movimentos e expressões faciais do B. Ao promover o desenvolvimento da observação intensa, segundo a autora, este é um exercício que serve para nos dar uma ideia do sentido natural de cada participante para atuar, no uso do corpo, fazendo brincadeiras, desenvolvendo a inventividade e habilidade para criar tensão e sentido de tempo.

Nesse exercício observa-se no jogador A os seguintes pontos: o estado de alerta do corpo, precisão de observação (atenção), habilidade para seguir o jogador B, não fazer suposições, mas



antes desenvolver reflexos e para o jogador A, observa-se a inventividade, exibicionismo, humor e variação.

Em relação à 10ª Sessão (Anexos 25 e 26), introduziu-se mais um jogo novo de orientação da Viola Spolin (2010, p.57) denominado “jogo dos 6 objetos”, que segundo a mesma consiste no seguinte:

Todos os jogadores, exceto um que fica no centro, sentam-se em círculo enquanto os outros passam um objeto qualquer de mão em mão. Nesta Sessão optou-se por ficar de pé no círculo. Quando o jogador no centro bate palmas, o jogador que foi pego com o objeto na mão, deve segurá-lo até que o jogador no meio aponte para ele e dê uma letra do alfabeto.

Neste caso introduziu-se uma pequena mudança nessa parte que consistiu no seguinte; o jogador no centro com os olhos fechados contou silenciosamente e quando chegou ao nº 10, ele disse stop. Depois ainda com os olhos fechados dele deu uma letra do alfabeto, com exceção das letras X, W, Y e Z.

Depois esse mesmo jogador deve passar o objeto de mãos em mãos novamente e quando o objeto lhe chegar as mãos novamente ele já deve ter dito o nome de 6 objetos começados com a letra dada anteriormente, porém, pelo facto de o círculo ter muita gente e por isso o objeto (no caso da oficina usou-se uma garrafa pequena de água) demorar muito tempo para chegar de novo ao destinatário, optou-se por em vez de 6 objetos dizer 10.

No entanto o jogador com o objeto na mão não deve fazer nem um esforço para esconder o mesmo do jogador no meio. O jogador que não conseguir dizer esse nº de objeto antes do objeto na roda dar a volta completa deve trocar de lugar com o do centro. Foi muito divertido esse jogo, todos queriam ir para o centro, explorar as dificuldades do outro, divertindo-se com a forma como cada jogador acabava sempre por ter um certo bloqueio em letras aparentemente simples. Ao mesmo tempo que se desafiavam uns aos outros, eles também se ajudavam, muitas vezes



soprando a resposta nos ouvidos do colega em jogo, revelando cada vez mais um espírito de entre ajuda e companheirismo.

Por último fez-se mais um jogo de Spolin (2010, p.56), chamado de “Cabo de guerra”. Na verdade, esse era um jogo bastante conhecido entre os participantes pois consiste em fazer dois grupos a quem se distribui uma corda. Cada grupo seguro em uma ponta e puxam um ao outro, no entanto neste caso a corda não é física, ou seja, os jogadores têm que tornar real a corda invisível e no fim cada jogador deve sair desse exercício com todos os efeitos físicos de ter realmente jogado cabo-de guerra ( transpirar, dificuldade em respirar, cansaço, etc.). Se isso não ocorrer - pelo menos parcialmente, quer dizer que os mesmos estavam fingindo.

Esse jogo é muito importante pois segundo Spolin (2010), é possível mostrar tanto para os jogadores como para a plateia que –assim como em um jogo - quase todos os problemas podem ser solucionados através da Inter-relação dos jogadores. Nenhum jogador pode fazer o exercício sozinho. Ele mostra também a necessidade de dar realidade ao objeto.

Esse jogo segundo os participantes foi como voltar á infância, com o jogo da corda real, a maioria viveu esse jogo com realidade mesmo, sentindo cada toque na corda, no puxar, no esforçar, estavam todos muito satisfeitos com o jogo mas principalmente com eles mesmos, pois segundo os mesmos eles sentiram de verdade, viveram de verdade o jogo, e realmente isso notou-se pois no fim estavam suados, cansados mas com uma alegria estampada em cada linha do seu rosto, pedindo que se repetisse o jogo novamente.

Todos os participantes foram unanimes em afirmar que ao se fazer mudanças nos grupos durante o jogo, enfrentaram alguma dificuldade pois estavam afinados com os antigos companheiros, mas tiveram que criar novas afinidades com outras pessoas que estavam no grupo rival. Isso foi desafiante, mas muito bom, pois aprenderam que devemos estar sempre abertos a mudanças



positivas, abertos para receber e dar, assim como estar aberto às novas perspetivas e oportunidade que possam surgir.

Na 11ª sessão (Anexo 27), realizou-se o aquecimento corporal juntamente com o vocal, caminhada no espaço, com jogos de sentar, pular e estátua conforme as indicações dadas, trabalhando assim a concentração e agilidade dos participantes.

Após esses aquecimentos entrou-se no novo jogo de orientação de Spolin (2010, p.56), ao qual deu-se o nome de “Mostrar atividade”. Esse jogo consiste no seguinte: um participante sobe ao palco e começa a realizar uma atividade qualquer (preferencialmente algo simples). De seguida um a um os restantes participantes sobem ao palco e começam a realizar exatamente a mesma atividade, com o máximo rigor. O ponto central desse jogo é treinar a observação, procedendo a repetição rigorosa de uma ação ou conjunto de ações.

Terminando esse jogo introduziu-se mais um exercício novo inspirado no jogo da Bola da mesma autora (*ibid.* p.57).

No referido jogo é dado a cada participante uma bola imaginária e cada um tinha que jogar com essa bola seguindo as instruções do orientador quanto ao tamanho e peso da mesma. Durante o exercício foi observado como cada aluno usa o corpo para mostrar o relacionamento com a bola tal como no exercício de Spolin.

No fim foi-lhes dada a opção de escolher qualquer dos jogos que já tinha sido feito e que gostariam de repetir e a escolha recaiu sobre o jogo dos 6 objetos.

Para É:

(...) as sessões têm sido maravilhosas, apesar de ter faltado algumas por motivos de força maior. Hoje estou um pouco em baixo, aliás ultimamente sinto o meu espírito um pouco em baixo, e hoje estava cá, mas ao mesmo tempo não estava, mas são coisas que acontecem. As sessões da oficina sempre me fazem muito bem, ainda me lembro da última na praia de mar, foi mágico, e fez-me super bem mesmo, hoje estava embaixo, mas diverti-me muito (riso) e isso me ajudou bastante. Temos aqui adolescentes, mas os mesmos têm me ensinado muito (risos). E espero que as próximas sessões me encontrem com melhor ânimo e energia. (E., depoimento à autora, 2021)

Évora 2022



Na 12ª sessão (Anexos 28 e 29), tivemos uma convidada, a atriz Abeline Lopes, natural da ilha de S. Vicente, que iniciou os trabalhos com uma pequena roda de apresentação (nome, idade, informações pessoais como curso, gostos entre outros). Começou por orientar o alongamento corporal e de seguida realizaram-se exercícios de aquecimento de voz; preenchimento de espaço em diferentes níveis e velocidades ao som de diferentes tipos de músicas.

Posteriormente realizaram-se jogos de criação e improvisação, criando um personagem no espaço, pensando em todas as características sejam elas no andar, na voz, na atitude, entre outros detalhes; seguidamente cada um interpretou a sua personagem no espaço por vez contracenando individualmente, em dupla e em grupo. Finalizou-se com o andar no espaço para desfazer a personagem; deu-se por encerrada essa sessão com a roda de partilha e troca de impressões, emoções e sentimentos e o “jogo de sintonia” com toque de 3 palmas em simultâneo.

Ao longo de exercícios aconteceram vários momentos intensos, e emotivos, porque em muitos dos jogos desenvolvidos pelos participantes, eles acabaram por colocar, por escolha própria muitos elementos pessoais, não tiveram medo de se abrir e mostrar as suas fragilidades.

Houve momentos em que as interpretações nas improvisações foram tão intensas e verdadeiras, que alguns participantes foram pedindo desculpas ao colega, ao longo dos trabalhos, procurando mostrar que estavam apenas interpretando, principalmente em relação a temas sobre os quais os seus reais pensamentos são diferentes dos da personagem. Esse cuidado que mostraram pelo outro foi tocante e realmente enche a alma de quem está presente.

Para N.:

A sessão foi muito boa, aliás como sempre (risos), principalmente exercício de improvisação com o mini scatch que fizemos, chegou um momento em que me envolvi tanto na personagem que os sentimentos de raiva começaram ser reais e tive que saber geri-lo e não foi fácil (risos), pois não sei agir muito bem quando estou com raiva. (N., depoimento à autora, 2021)



D. reforça que: “Foi fixe, divertido, mas na cena com a Nélida não gostei, porque a minha personagem dizia coisas que eu não concordo e não gosto e senti mal com isso, (riso), mas era apenas a personagem, não era eu (risos)”. (D., depoimento à autora, 2021)

É muito importante que os participantes tenham a oportunidade de fazer outras experimentações com outras pessoas, fora da oficina, pois isso, lhes permite ver e sentir as coisas de um outro ângulo, de uma outra perspetiva, e ao mesmo tempo não permite que os mesmos, se sintam acomodados.

A 13ª sessão (Anexos 30 e 31), foi iniciada como de costume com o aquecimento em grupo que inclui caminhada no espaço, de seguida aplicou-se um novo exercício da Spolin (2010) através de “Envolvimento em três ou mais” (*ibid.* p.58).

Os participantes foram divididos em 2 grupos, a cada grupo foi dado a incumbência de escolher uma atividade com algum objeto, que envolve só com o uso das mãos para desenvolverem, tinham que tornar esse objeto usado nessa atividade real e observando se os mesmos trabalham em equipa. Depois foi pedido que cada grupo observasse a atividade do outro grupo e desse a sua opinião sobre o que observou. Esses exercícios ajudam a trabalhar a questão da intencionalidade em cena e a verdade em cena.

Nesse exercício, foi possível observar a capacidade que cada um tem em trabalhar em grupo, a forma como eles partilharam as ideias, e a forma que cada um viveu a sua ação, tanto em grupo como de forma individual ou seja a verdade que cada um deles colocou em cena.

Segundo a A:

Para mim foi muito bom essa oficina, apesar de ter dado o meu máximo sei que há sempre coisas a melhorar, pois, muitas vezes nós que estamos dentro temos ideia que estamos a fazer tudo muito bem feito mas quando alguém de fora, com outra visão e experiência vê, consegue observar pontos a melhorar, e é assim que a gente aprende e melhora dia por dia, cada vez mais. (A., depoimento à autora, 2021)



Notou-se que alguns tinham mais facilidade em transportar essa verdade, conforme afirmou M: “Gostei muito dos dois jogos que fizemos(risos), senti dificuldade e tornar tudo verdadeiro”. (M., depoimento à autora, 2021)

Outros nem por isso, mas mesmo assim o empenho e a dedicação que despenderam para realizar cada atividade foi intenso, e a vontade de fazer mais e mais de se esforçar para ajudar o outro foram bastante notáveis. O melhor foi verificar que trabalharam, mas também se divertiram e gostaram do que fizeram.

Para a 14ª sessão (Anexos 32 e 33), que foi no dia 27 de março, dia internacional do teatro, e que foi mais uma sessão extremamente produtiva, com o aquecimento e caminhadas, fez-se o jogo de agrupamento de números, por exemplo, (grupos de duas cabeças, seis dedos e oito pés, etc.). Quem ficasse fora dos grupos teria uma outra atividade extra para fazer, como forma de potencializar o trabalho em grupo, e fazer com que escutem e prestem atenção ao outro, e isso foi demonstrado com a K. afirmando que

As atividades em equipa me estão a ensinar que nem sempre conseguimos fazer tudo sozinhos e que às vezes temos que trabalhar em equipa para alcançar o objetivo que queremos. Trabalhando a concentração tem sido ótimo também não só para o teatro, mas para tudo. Tenho sentido dificuldade em tornar o objeto real e colocar a verdade em cena. (K., depoimento à autora, 2021)

No fim fizemos o exercício do escultor ou a estátua de barro, em que cada pessoa a seu tempo teria a chance de moldar os companheiros transformando-os em estátuas com diversas formas. Foi a última sessão em que tivemos a participação das crianças.

As sessões em que participaram serviram como um ponto de partida e preparação, mas foi muito gratificante observar a sua entrega aos trabalhos e a forma como se conectaram com os mais velhos



C. acrescenta: “Gostei de hoje e aprendi muito, aprendi que trabalhar em equipa temos que ter organização e concentração, e concluir que sem organização nada se resolve e vice-versa”. (C., depoimento à autora, 2021)

Houve momentos de pequenos “conflitos”, mas nada do que mais natural, afinal alguns podiam ser netos ou filhos de alguns participantes, e esse “conflitos” foram mais no sentido de como lidar com algumas situações, de tomar alguma tipo de decisão, ficando evidenciado em alguns momentos alguma diferenças em relação ao grau de maturidade, a forma de lidar com algumas situações, e também foi possível perceber que alguns mais jovens de idade, apresentavam por vezes uma maior resistência em aceitar sugestões dos colegas, mas outras vezes isso acontecia, com os mais velhos também, em alguns momentos, esses últimos estavam com muito mais energia e pré-disposição nos jogos nas sessões e acabaram por motivar aqueles que naquele dia não estavam com tanta disposição.

Todos trabalharam com afinco, boa disposição e o mais importante foi o evidente respeito que tinha um pelo outro, mas essas crianças posteriormente tiveram a sua oficina á parte, onde foi possível continuar a trabalhar com elas usando metodologias mais apropriadas para as mesmas, tendo em conta a sua faixa etária e também devido ao facto do o tipo de trabalho que se iria desenvolver mais á frente ser indicado para uma faixa etária maior.

### **Materialidades**

Assim chegou-se à 15ª sessão (Anexos 34 e 35), onde se deu início á partilha das materialidades, que constituíram o material de criação para o trabalho a ser apresentado. Depois do habitual aquecimento, alongamento e caminhada no espaço, foram feitos vários exercícios de improvisação, em que cada um teve a oportunidade de fazer trabalhos individuais e também em grupo, usando todas as ferramentas partilhadas até agora, que incluem variações de velocidades



e níveis, a utilização de máscaras de estados emocionais (triste, medo, alegria, espanto e raiva) e a experimentação das diferentes formas de caminhar (leve, pesado, aberto e fechado).

Na posse dessas ferramentas cada participante teve a liberdade de criar e improvisar, dando asas à sua imaginação e criatividade.

Um dos exercícios de improvisação realizados consistiu no seguinte: de pé em círculo foi dado um objeto a um participante, que iniciou uma história que envolvia esse objeto e ao passá-lo ao colega, este tinha que continuar a história envolvendo o mesmo objeto, até se dar uma volta completa. Depois, o mesmo exercício foi repetido, mas desta feita cada pessoa tinha que continuar a história a partir da última palavra dita pelo colega antes de o mesmo ter passado o objeto.

Foram usados dois objetos diferentes: uma garrafa térmica usada no primeiro exercício e uma tigela no segundo, para que os mesmos não fiquem na zona de conforto, e possam dar mais asas a sua imaginação e criatividade. E a ideia de criar juntos, foi para dar ênfase, importância, em estar atento na escuta do outro, aumentando o desafio de criação e imaginação.

No final após a partilha foi dada uma pequena tarefa aos participantes, cada um teria que trazer para a próxima sessão histórias da comunidade de Safende.

Para J.:

Faltei as últimas duas sessões, mas para mim isso também não influenciou a minha vontade de aprender. Gostei muito do que foi feito aqui, senti quem em alguns momentos tinha que me entregar mais, mas vou continuar a me esforçar. Estou muito feliz porque estou a ver a evolução dos meus colegas, que estão cada vez mais empenhados e dedicados a trabalhar que continuemos assim (risos). (J., depoimento à autora, 2021)

De acordo com o que tinha sido solicitado - que cada participante trouxesse uma ou mais histórias da sua comunidade ou que tivessem acontecido na comunidade, escrita numa folha de papel,



assim na 16ª sessão (Anexos 36 e 37), partilharam-se as histórias trazidas através da leitura das mesmas por parte de quem as trouxe.

Foram diversas as histórias trazidas: desde as da comunidade de aproximadamente 30 anos atrás, onde as pessoas, assim como acontecia na maioria das comunidades na altura, sofria com pobreza extrema, tendo que fazer longas jornadas de madrugada, a pé e na maioria dos casos sem sapatos, por entre caminhos de terra, pedra e espinhos, para conseguir um balde de 25l de água e alguns kg. de farinha, arroz e/ou milho para consumo.

Houve histórias sobre discriminação de que eram vítimas nessa altura também, durante a distribuição desses alimentos, por parte dos mais favorecidos, histórias sobre as inundações que ocorreram em 2020 devido á chuva intensa, e que provocaram não só avultados danos materiais, mas também perdas de vidas humanas, onde alguns deles sofreram na pele as consequências dessas inundações.

Ainda histórias sobre medidas que algumas pessoas da comunidade tomaram para tentar minimizar a onda de violência que se alastrava, na comunidade, provocada por grupos rivais dentro da própria comunidade, como por exemplo o famoso “ Chá da paz”, que consistiu em organizar uma tarde de chá, com lanche, e atividades culturais e recreativas com os grupos rivais a fim de estabelecer a paz entre os mesmos, e onde alguns participantes da oficina puderam participar e ajudar, sendo que realmente funcionou, pois os grupos rivais estabeleceram um acordo de paz a bem da comunidade, que prevalece até hoje.

Estabelecendo grupos de trabalho, através de um sorteio, começaram a experimentar-se algumas dessas histórias através de exercícios de improvisação, organizando-as em pequenas sequências de 10 min.



Foi impressionante ver a forma como cada um entrou nas personagens e nas histórias, inclusive naquelas que aconteceram há mais de 20 anos, em que a maioria dos participantes nem sequer eram nascidos.

Esta sessão foi bastante enriquecedora para todos os envolvidos como podemos constatar pela partilha de A.:

Hoje foi uma experiência nova e extremamente produtiva, ganhei muito mesmo e vi realmente a importância de ser ter algumas ferramentas básicas para se trabalhar uma peça de teatro, e isto mudou e a minha visão de como colocar um trabalho teatral em palco. Estou aprendendo coisas muito valiosas mesmo. (A., depoimento à autora, 2021)

E no depoimento da J.: "...com o improvisado que fizemos, conheci um pouco mais sobre a história antiga da minha comunidade, que não conheço muito apenas alguns trechos que ouvi aqui e ali, e hoje aprendi muito, foi mesmo muito bom!". (J., depoimento à autora, 2021)

A 17ª Sessão (Anexos 38 e 39), foi mais uma com bastante intensidade e entrega, onde depois da realização do aquecimento e de exercícios feitos na sessão anterior, com o intuito de trabalhar a concentração, o foco, a atenção, o trabalho em equipa, mas principalmente, ajudar na compreensão, na escuta e cuidado do outro.

Deu-se continuidade à partilha das histórias, desta feita sobre alguns acontecimentos mais traumáticos para a comunidade, como assaltos e outros tipos de violências que culminaram muitas vezes com assassinatos ocorridos na comunidade e histórias pessoais de violência que alguns dos participantes sofreram e que partilharam na oficina, entre muitas outras que aconteceram na comunidade.

Em relação aos jogos desenvolvidos segundo os participantes tornaram-se bastantes enriquecedores, como afirma N.:



O jogo da sardinha foi muito útil, nos ensinou muito, eu pelo menos aprendi muito, no sentido de saber escutar o outro, cuidado com o outro, e a apresentação da historia foi tocante, porque são historias muito fortes e algumas bem pessoais. (N., depoimento à autora, 2021)

A 18ª sessão foi uma sessão mais que especial, pois consistiu em assistir à peça de teatro, no Centro Cultural Português, na cidade da Praia, denominada “Os dias de Birgitt”, que conta a história de uma mulher que, de um dia para o outro, é confrontada com a inevitabilidade, de uma doença terminal! Como lidar com essa nova condição? Uma abordagem contemporânea, no limite entre a sobriedade e o humor, de uma temática cada vez mais presente nas nossas sociedades. Com texto dramático: de Mário Lúcio Sousa, encenação de João Paulo Brito e interpretação de Elisabete Gonçalves, Patrícia Leite e Raquel Monteiro.

Infelizmente, apesar de todas as tentativas não se conseguiram bilhetes para todos os participantes, ficando os restantes a aguardar a próxima oportunidade.

Assim na 19ª sessão (Anexos 40 e 41), após alguns exercícios de aquecimento, os participantes que conseguiram assistir à peça de teatro, fizeram a partilha sobre essa experiência e sobre o que viram e ouviram na peça.

Registando-se algumas reflexões importantes de salientar a da C.:

(...) presenciei muitas coisas interessantes, sendo que algumas das ferramentas usadas pelas atrizes já tinha aprendido na oficina (risos), nomeadamente o uso dos níveis( alto, baixo, médio), as diferentes velocidades de deslocação, as diferentes formas de andar ou caminhar (leve, pesado, aberto ou fechado), a pronuncia e o falar, claro com projeção da voz, a estátua, a imitação, cenas em simultâneo onde quando uma cena termina, os atores congelam e outra cena continua, apostura, a presença e a verdade em cena (...).( C., depoimento à autora, 2021)

Esta perspetiva é completada pela J.que realça que:

(...) as personagens estavam tão naturais, que nem parecia que era teatro (risos), consegui captar a mensagem de que devemos aproveitar a vida ao máximo e tudo de bom que ela pode nos oferecer, pois não sabemos quando partiremos. (J., depoimento à autora, 2021)



Assistir essa peça, ter um contacto com o fazer artístico permitiu aos participantes que tiveram essa chance, de verem pela primeira vez um espetáculo de teatro completo, pois tinha todos os elementos considerados essenciais para um trabalho teatral tais como, som, luz, cenário, figurinos e adereços.

Isso foi muito importante, porque lhes proporcionou uma oportunidade de ter um olhar crítico, de experimentar a sensação de estar e ter contacto tão próximo com outras formas de fazer teatro, de enriquecer um pouco mais o seu conhecimento e isso refletiu-se no momento de montagem do trabalho final, nomeadamente nas escolhas de figurino, cenário, adereços, luz e som, que estão mais adiante referidas detalhadamente no relatório.

Os mesmos tiveram a oportunidade de ver aplicados na prática algumas das ferramentas que já tinham sido partilhados na oficina, tornando-os mais motivados e famintos de saber e conhecer mais sobre o fazer artístico teatral.

Na 20ª Sessão (Anexo 41), dividiu-se o grupo em 2, um grupo ficou responsável por indicar o que tem de bom e o que mais gosta na sua comunidade e outro o que tem de menos bom e o que menos gosta na sua comunidade. Depois os painéis foram expostos, fez-se uma roda onde cada elemento teve a oportunidade de expor o porquê de determinadas escolhas que fizeram para os 2 painéis gerando-se um debate muito produtivo e dinâmico, sem complexo e com muito respeito ao próximo. Foi interessante verificar que em algumas situações, em que para uns um ponto é visto como algo menos bom, para os outros é visto como algo bom, mas ao explicarem o porquê das escolhas verificou-se que isso deve-se ao facto de cada um ter analisado de um ponto de vista diferente e na verdade eles se complementam.

Seguidamente cada grupo escolheu 3 pontos referentes às coisas menos boas da sua comunidade e fizeram uma pequena improvisação de 10 min. sobre os mesmos. No final cada



equipa fez uma pequena explanação sobre o porquê das suas escolhas e uma breve reflexão sobre as mesmas.

Nessa 21ª sessão (Anexo 42), após os habituais exercícios de aquecimento e jogos teatrais, cada grupo teve como tarefa fazer uma nova improvisação, desta feita sobre os aspetos que mais gostam na sua comunidade, a partir do qual assim como na sessão passada, cada equipa teve a oportunidade de expor e refletir sobre os mesmos.

Posteriormente todos os participantes formaram um único grupo com o intuito de fazerem mais um painel, desta feita sobre as soluções que acreditam serem viáveis para minimizar e ou diminuir os aspetos menos bons da comunidade.

Foi muito participativo e dinâmico, com cada um participando e a terem oportunidade de se expressar, de forma ativa expondo as sua ideias de forma clara e objetiva, com propostas de soluções concretas e bastante ricas em termos de argumentos justificativos da sua posição.

Naquela que foi a 22ª sessão (Anexos 43 a 45) da oficina, os participantes tiveram total liberdade para escolherem todos os exercícios de aquecimento e jogos que quisessem fazer durante aproximadamente 1h. Findo esse período iniciou-se mais um trabalho que consistiu em partilhar por parte de cada um dos participantes, fotografias que os mesmos fizeram de aspetos relacionados com a sua comunidade, e cada um pôde partilhar um pouco sobre a história e o porquê de cada uma das fotos. No fim fez-se o “Baú” da oficina onde cada um dos participantes e algumas crianças fizeram um desenho sobre algo que representasse a comunidade, com os quais foi decorada uma caixa de papelão, que passou a ser usada para guardar todo o material que se utilizava durante a oficina.

Após o ritual aquecimento e descontração, na 23ª sessão (Anexo 46) o grupo reuniu-se para discutir e decidir o que gostariam de trabalhar como tópicos de criação para apresentar como um resultado da experimentação que estava a ser feita.



Ao fim de algum tempo de partilha e debate de ideias, a maioria optou por escolher trabalhar os pontos negativos e positivos da comunidade, onde escolheram 3 pontos positivos e 3 negativos. Cada ponto foi denominado como sendo uma cena, ou seja, o trabalho andaria em torno de 6 cenas, e cada uma teria a participação máxima de 3 atores. Esses temas foram escritos em folhas A4 separadas, posteriormente, em uma mesa foi colocada uma folha de papel de jornal castanha grande onde foram coladas montando numa espécie de painel. Cada tema foi numerado como sendo uma cena, a partir de improvisações feitas com cada uma, foi se estabelecendo quase que de forma automática uma ligação entre elas. São elas: Cena 1-representação da comunidade através de sons e movimentos, cena 2-tema desemprego, cena 3 e 4-alcoolismo e droga, cena 5-violencia, cena 6-trabalhadores da comunidade, cena 7- as pessoas mais velhas e cena 8 voluntariado

### **As escolhas dos papéis, os ensaios e a montagem do espetáculo**

Após a montagem das cenas na 24ª sessão (Anexo 47), após devidos aquecimentos, que incluiu exercícios com a respiração, assim como uns minutos de relaxamento, cada participante escolheu em qual cena ele gostaria de ser enquadrado e qual personagem gostaria de interpretar. Após a experimentação na distribuição dos papéis, iniciou-se o ensaio da cena 1 com todos os participantes e que representa a comunidade através de sons movimentos, cena 2 com o tema desemprego, do qual participaram 3 atores e das cenas 3e 4 cujo tema se relacionava com o uso de drogas e alcoolismo, também com 3 atores.

Quanto ao figurino foi escolhido o preto como cor base, por representar a igualdade e neutralidade, conjugado com alguns acessórios básicos e uma ou duas peças específicas das personagens, pelo que denominámos de figurino minimalista, marcado pela simplicidade e pelo seu significado.



Quantas às músicas, os participantes trouxeram algumas propostas, seguindo a solicitação feita na sessão anterior. Dessas propostas, foram escolhidas aquelas que melhor se adequavam aos temas abordados em cada cena.

Foi escolhido um som de relógio para a passagem de tempo, uma morna, um hip hop caboverdiano, uma música americana e uma música instrumental, o que evidencia a grande riqueza que é ter gerações diversas e pontos de vista diferentes. Quanto à iluminação optou-se por uma luz branca geral, marcando a simplicidade, onde o menos é mais. Deu-se início aos ensaios das cenas 5,6,7 e 8.

Nesta sessão esteve presente o dramaturgo, diretor artístico, ator, encenador da Companhia Sikinada João Paulo Brito, que assistiu a essa sessão a fim de ver e conhecer de perto o trabalho que estava a ser desenvolvido, e onde também fez uma partilha sobre o processo de criação da Peça “Os dias de Birgitt” e o seu percurso no Teatro. Cada participante pôde também fazer perguntas e partilhar um pouco sobre a sua caminhada no teatro.

O coreógrafo e bailarino Djam Neguim conduziu a a 25ª sessão (Anexos 48 e 49). Após uma breve apresentação e conversa afim de se conhecerem um pouco mais, o mesmo iniciou a sessão com exercícios de aquecimento seguido de jogos de concentração e foco. Posteriormente começou-se o trabalho sobre e com o corpo, através de exercícios de improvisação que reverteram para o trabalho sobre cada cena.

No fim da oficina fez-se a roda da partilha onde cada um partilhou sobre a experiência vivenciada nessa sessão e em que o Djam falou um pouco sobre o corpo e a forma como podemos usá-lo para comunicar, numa linguagem simples e acessível, com vários exemplos práticos do dia a dia. O mesmo deu ênfase à importância que a intencionalidade em cena tem, assim como ao fato de se procurar a verdade em cena, assuntos que já haviam sido debatidos ao longo de todas as sessões



anteriores, pelo que os participantes estiveram muito à vontade, fazendo partilhas e falando um pouco do que tinha sido a sua experiência até esse momento na oficina.

Na 26ª sessão (Anexo 50) foi feita a seleção dos objetos de cena, tendo sido escolhidas 2 cadeiras e 2 mesas, que iam se modificando, adquirindo funções específicas de acordo com as cenas, nomeadamente, na 2ª cena sobre o desemprego, o espaço é uma livraria, pelo que foram colocados alguns livros, com o intuito de abordar também a questão do conhecimento e da importância e cuidado a ter com os livros.

Uma mesa serviu de estante para livros (que sai de cena após o término da mesma) e a outra como mesa do escritório, 1 cadeira fazia parte do escritório e outra da receção. Já na 3ª cena, em que o espaço se transforma em um bar, elas se tornam bancos desse espaço. Posteriormente na cena 4, o espaço se torna uma praça pública e as cadeiras se tornam um banco de praça até ao fim da peça.

Foram escolhidos esses objetos, com o intuito de mostrar o quanto multifuncional um objeto de cena pode ser, e que não é necessário ter muitas coisas em cena para que o mesmo fique forte, adequado e simples.

São fáceis de transportar e/ou de encontrar, caso o trabalho seja apresentado em outro espaço, e a conceção do espaço que muda no decorrer das cenas, serve para dar uma ideia, não só de acontecimentos diferentes em lugares e contextos diferentes, mas também de transformação, de algo que sofre mutação, A ideia de mudança, que simboliza a possibilidade de mudança de mentalidade, de atitude, de postura ou mesmo do olhar que se tem sobre a comunidade, não só por pessoas de fora, mas também pelos próprios moradores da comunidade.

As sessões da oficina foram desenvolvidas de uma forma dinâmica e participativa por parte de todos os envolvidos, e no fim de cada uma foram feitas partilhas sobre como foi cada uma das



experiências vividas. Esse processo culminou com a apresentação do o trabalho “Rialidadi”.  
(Anexo 51 e 52)

Resultante das várias experimentações vividas ao longo da oficina, ele foi criado e interpretado pelos participantes da oficina. Essa criação retratou nada mais do que a realidade da comunidade de Safende, as suas vivências com as suas tristezas e alegrias. Essa realidade que chega muitas vezes distorcida, tanto negativa como positivamente, e que muitas vezes acaba refletido os sentires dos habitantes dessa comunidade de várias formas.

Pensamos que a criação realizada foi apresentada com “verdade” ao público, já que pela sua reação face às apresentações, e que ficam patentes em alguns depoimentos que se encontram no ponto referente à discussão dos resultados.

A “Rialidadi”, realmente é da comunidade e para a comunidade, pois a comunidade se identificou e sentiu tudo o que foi vivido e transmitido pelos participantes da oficina e a emoção evidente nos olhos lacrimejantes, ou nas lágrimas que deslizaram pela face de espectadores só o veio reforçar.

Surgiu assim por vontade dos participantes, o mais novo grupo de teatro de Cabo Verde, Companhia teatral CEMPEA, em homenagem às dez maravilhas de Safende., que são: Chafariz do Meio, Escola EBI de Safende, Estrada Principal, Capela de Santa Teresinha, Miradouro alto Safende, Espaço Aberto, Campo Relvado, Placa de Street Basket, Monte Gazela e as Pessoas de Safende.

Em reconhecimento pela entrega e profissionalismo do trabalho desenvolvido pelos participantes, no fim da oficina, foram entregues os respetivos certificados de participação  
(Anexo 52).



## CAPITULO V-Discussão dos resultados

Por se tratar de uma comunidade periférica com poucos espaços de fala e de debate, o processo foi potente por abrir um espaço de protagonismo para as pessoas de Safende. Olhar essa comunidade com esse foco vai contra todas as estruturas hegemônicas que desqualificam as comunidades periféricas e constroem a visão de que não há possibilidade de desenvolvimento nestes lugares. Isto, vinculado à experiência de “ver e ser visto” em cena, num espetáculo “sobre, com e para” a comunidade, debatendo o lugar em que vivem, revelando a comunidade de um outro ponto de vista, foi para os participantes da oficina uma oportunidade de reconhecimento das suas capacidades de mobilização e de potenciais produtores de cultura. Como afirmou D.: um dos participantes “Nunca me tinha visto a fazer teatro, nunca achei que seria capaz de subir em palco e fazer o que fiz e nunca pensei que poderia aprender tanto sobre a minha comunidade com o teatro”. (D., depoimento à autora, 2021).

O “Rialidadi”, resultado dessa oficina de teatro comunitário, fomentou a autoestima coletiva e ampliou ainda mais a sensibilidade dos moradores em relação ao seu “lugar”. Tendo presenciado a manifestação artística, a comunidade se reconhecia no que estava sendo apresentado e muitas vezes mostrou interesse de participação nos próximos trabalhos. O território onde moram foi reconhecido enquanto espaço cultural, enquanto um lugar que agrega histórias, memórias, símbolos, “viveres e fazeres” de pessoas, de cidadãos.

Para dona B. uma das moradoras da zona, “esse trabalho está incrível pois realmente me vi e vi a minha comunidade em cada cena que apresentaram.” (B., depoimento à autora, 2021)

Um dos jovens que presenciou a apresentação refere que:



Esse trabalho realmente me representa, pois eu me identifiquei muito principalmente com a cena final do meu amigo I. e do D, onde I. dá o seu testemunho real de ex-presidiário, pois eu também sou um ex-presidiário e passei, na verdade ainda estou vivendo, todo esse processo de reintegração e mudanças na minha vida. (J., depoimento à autora, 2021)

Essas partilhas realmente demonstram o quão transformador e enriquecedor esses trabalhos podem ser, tanto para os participantes, quanto para a comunidade e para o/a facilitador/a que cuidadosamente conduz esse processo, mas ainda é mais sublime, o efeito que tem fora da comunidade, pois os participantes tiveram a oportunidade de fazer apresentações fora da comunidade, onde puderam ouvir, sentir e ver o impacto que o seu trabalho tem, a partir de partilhas feitas pela plateia, como afirmou de forma muito emocionada a produtora cultural e atriz R. M.

Muitas vezes as pessoas pensam que o teatro é ter um palco montado, no capricho, luz, som e todas as outras coisas, sim realmente isso também faz parte do teatro, mas o teatro é sobretudo sobre a verdade e usar teatro para o bem da comunidade, e vocês que vem de uma comunidade com tantos problemas, aliás nós todos que vivemos aqui na Praia, sabemos que tem outras comunidade com esses problemas, tiveram a coragem de trazer e falar sobre esses problemas, e não só falar mas mostraram que também estão a agir para encontrar as soluções. Eu fiquei muito sensibilizada com a vossa apresentação. O teatro é forte, para mim é uma das melhores formas que existe para atingir o coração das pessoas e transforma-las, e mostrando que há várias saídas. E é isso que fizeram, por isso muito obrigada. (R.M, depoimento à autora, 2021)

O ator e encenador J.B., que também assistiu à apresentação, comentou que:

o teatro é um dos poucos momento na vida onde temos a oportunidade de fazer essa troca de energia, esse trabalho que apresentaram, e que tive a oportunidade de ver o draft do mesmo, na visita que tive o privilégio de vos fazer na oficina, e do qual hoje vi uma evolução brutal, acho que para além do trabalho claro que fizeram, que é o de questionar e dar um contributo válido para a sociedade, nos deram a todos que aqui estamos um lembrete essencial, de que é importante nós retomamos essa verdade, essa energia, e todas as outras coisas que nos passaram. Os artistas estão a perder tudo isso, começam sempre com essa gana, essa urgência, essa verdade, essa energia de passar algo para as outras pessoas, mas estão a perde-la cada vez mais. Eu pessoalmente vou daqui cheio, cheio de coisas, cheio de vontade de fazer coisas, de contribuir de operar uma transformação. Eu costumo dizer que ser artista é uma maldição (risos), uma opção de vida, é algo que não conseguimos nos livrar dele. Vou daqui uma pessoa mais rica. Desejo longa vida a esse trabalho e que esse projeto prospere, e dê mais frutos e que continuem com essa verdade e com essa coisa tão boa que tem, muito obrigada mesmo. (J.B., depoimento à autora, 2021)

Para A., moradora do bairro e que já tinha assistido à 1ª apresentação feita na comunidade, muito emocionada reforçou que

Mesmo já tendo assistido a apresentação na comunidade, tiveram a capacidade de me surpreender de novo, conseguiram me tocar profundamente, da mesma forma que foi na 1ª vez, a vossa forma de se entregarem,

Évora 2022



a forma que viveram as personagens, nos fizeram ficar completamente presos no que estavam a fazer, atentos a cada gesto, a cada forma de se moverem, a cada palavra. Todos têm um enorme talento, cada um com a sua forma de se entregar, desejo que continuem e que prosperem, e obrigada por nos proporcionarem esse momento. (A., depoimento à autora, 2021)

É claro que ao longo da oficina surgiram pequenos obstáculos, que foram sendo ultrapassados um a um e houve alguns participantes que desistiram, mas tudo isso é algo normal e que já era de esperar. Formas de pensar, histórias de vidas e realidades diferentes dentro de uma mesma realidade, como em qualquer sociedade frágil, num tão curto espaço de tempo existem fatores que não determinam uma mudança radical na vida de um indivíduo.

Í. diz categoricamente:

A minha experiência durante a oficina foi muito boa, porque acabei por perceber coisas que antes não via, aprendi a apreciar silêncio, e controlar a nossa mente e o nosso corpo no momento certo. Estou muito grato, pois sendo um ex-presidiário sujeito a muitos julgamentos, pude partilhar a minha história, sobre a realidade de estar preso, o outro lado da história que a maioria não conhece, com todos os altos e baixos de quem está preso e dar a realidade da minha comunidade, tudo isso através do teatro. (Í., depoimento cedido á autora no término da oficina,2021)

No teatro comunitário, por ser aberto e não endogâmico, composto por membros de diferentes gerações, como aconteceu nessa oficina, onde diferentes idades encontraram um lugar e foram aceites, as experiências das diferentes faixas etárias são de um valor incalculável. As pessoas podem realizar e trocar experiências de acordo com o seu nível de flexibilidade pessoal. As criações coletivas, são o resultado das experiências vividas por conseguinte a decisão não é de um único indivíduo, mas sim do grupo.

Segundo a C., participante da oficina, quando questionada sobre a oficina realizada, não tem dúvidas ao afirmar que:

Superou todas as minhas expectativas, porque sempre via teatro com outros olhos, e com esta oficina vi que teatro não é só fazer palhaçadas, mas sim exige muito esforço de cada um de nós e muita seriedade, porque vi que aqueles que brincavam mais tiveram mais dificuldades, eu aprendi muitas coisas que não esperava que aprenderia numa oficina de teatro, e acredito que criamos um laço entre nós que fez com que essa oficina se tornasse muito mais interessante, já não tínhamos medo de errar uma vez que tínhamos muita união e quando alguém não conseguia fazer uma coisa era apoiado ou corrido sem nenhum constrangimento.(C., depoimento cedido á autora no término da oficina,2021)



Assim, trabalhar com este grupo de pessoas de diferentes faixas etárias, e às vezes com situações económicas distintas, constituiu um grande desafio à nossa capacidade de diálogo e negociação. Tornou o processo ainda mais estimulante, pois, dessa forma, agregou-se maior riqueza ao produto artístico final, elaborado a partir do acolhimento de seus diferentes pontos de vista. Por outro lado, seus membros estão expostos a um contato permanente com o estranho, o novo, que trazem experiências e vivências diferentes e que criam a flexibilidade tão necessária à vida em sociedade.

E J. não hesita ao dizer:

Essa oficina foi muito além do que eu esperava, no final fizemos várias apresentações em lugares diferentes, até criamos um grupo de teatro que é para podermos continuar a fazer apresentações, divertir e ajudar os outros a ter as mesmas experiências que tivemos, obrigada pela oportunidade minha querida professora (ela disse para não trata-la assim, mas eu gosto kkkk), Nereida Carvalho. (J., depoimento cedido à autora no término da oficina, 2021)

A maioria dos participantes da oficina nunca tinha tido contacto com o teatro e aqueles que o tinham tido, tratava-se de um contacto mínimo, que aconteceu na escola no âmbito de alguns trabalhos escolares, ou na igreja, mas nem um deles tinha assistido a uma peça de teatro e todos vinham com uma ideia de que o teatro era apenas para fazer rir as pessoas, e mais nada! Tentar fazer perceber, experimentar e ver que realmente o teatro é e pode ser muito mais que isso, foi um outro desafio, que ao final se tornou muito gratificante ver como o vinham incorporando desde as primeiras sessões. Em relação a este tópico S. afirmou: (...) foi a primeira vez que participei, tinha outra ideia sobre o que é fazer teatro (risos), para mim teatro era só fazer rir, e que era fácil de fazer (risos), mas gostei muito. (S., depoimento à autora, 2021)

Tal é reforçado também por K.: “(...) já tive contacto com o teatro na escola, mas aquele teatro muito básico sem as noções reais das ferramentas necessárias para fazer teatro, e já percebi que tenho muito que aprender mesmo (risos)”. (K., depoimento à autora, 2021)

Évora 2022



Contudo o importante é não desistir, e encontrar sempre forma de prosseguir, e o papel do/a facilitador/a como mediador/a é muito importante, assim como o empenho e dedicação dos que ficaram, pois foi tão gratificante, que realmente, nos leva a acreditar que eram eles que estavam “destinados”, por assim dizer, a continuar.

Em relação aos objetivos preconizados, é extremamente reconfortante saber que foram alcançados, pois realmente já se notam os frutos dessa experiência vivida:

- Algumas pessoas da comunidade querem que a oficina continue, para dar oportunidade a outras pessoas de vivenciarem essa experiência.
- Os participantes da oficina criaram um grupo de teatro, ao qual deram o nome de Companhia de teatro CEMPEA, em que cada letra representa uma das 10 maravilhas da comunidade de Safende, e já estão a organizar pequenas oficinas para dar continuidade ao trabalho.
- O espetáculo “*Rialidadi*” está com agendamento de outras apresentações em outros locais.

Como disse o jornalista L. C. que assistiu à 2ª atuação feita na comunidade “Esse trabalho precisa e deve ser partilhada com o máximo de pessoas possível, ela é tão rica que não pode e não deve ficar por aqui”. (LC., depoimento à autora, 2021)



## Considerações finais

O teatro na comunidade de uma certa forma tem uma relação com um determinado lugar ou território, podendo ser tanto em um contexto informal, institucional ou com grupos de pessoas, com afinidades, quer numa comunidade, cidade, num hospital, centro presidiário, em centros de acolhimentos, numa escola ou espaço cultural, no meio da rua, na praia, no campo, num espaço fechado, ou em outro qualquer espaço. De acordo com a minha experiência, o teatro em comunidade se caracteriza pela inclusão das próprias pessoas da comunidade na criação teatral, com o objetivo de fortalecer os vínculos entre os cidadãos, promover o desenvolvimento da comunidade em que vivem usando a arte como veículo e forma de expressão. É um teatro que confere voz e vez a uma franja da população, que muitas vezes é marginalizada, posta de lado, discriminada e não escutada, e por consequência muitas vezes acaba se tornando pouca recetiva ao que vem de fora, principalmente ao novo. Esse teatro procura buscar através da linguagem teatral, da poesia e da estética, novas maneiras de ver o mundo, alternativas de existência, análise e transformação social. Em relação ao/à facilitador/a do teatro comunitário, acredito que tenha o papel de criar as condições para que pessoas e grupos da comunidade possam exprimir-se em liberdade, sem medo de mostrar os seus recursos e também as suas fragilidades e em total autenticidade, acolhendo a diversidade como um recurso criativo e de bem-estar. Deve ser capaz de captar sinais, organizar e traduzir poeticamente as necessidades expressivas do grupo e em conjunto transformá-las numa performance. Deve ter em conta também os desejos, o que é que o grupo quer transmitir e sobretudo, como se pode tornar perceptível ao público o que o grupo quer expressar, como pode tocar os seus corações e criar uma comunicação que enriqueça a vida tanto dos intérpretes quanto dos espectadores. Tudo o que foi vivido e experienciado, não há páginas e palavras que cheguem para o expressar e não há valor que chegue para lhe ser atribuído.



## Referências bibliográficas

Bachega Junior, V. Teatro do Oprimido. *Todo Estudo*. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/artes/teatro-do-oprimido>. Acesso em: 08 de Novembro de 2021.

Bezelga, I. (2016). As abordagens participativas do teatro e comunidade na formação em Teatro. *Mediações – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*. Vol.4, nº2, (51-66).

Bezelga, I. (2013). Facilitadores Teatrais nos contextos das culturas populares. In J. Pereira, M. Vieites & M. Lopes (coord.), *Teatro do Oprimido: teorias, técnicas e metodologias para a intervenção social, cultural e educativa no século XXI*. (187-202). Chaves: Intervenção.

Bezelga, I. & Valente, L. (2009). “Brincas of Évora” Rituals of Carnival and performance in the south of Portugal: Rural and traditional festivities in the contemporary world. *The International Journal of the Arts in Society*, vol. 4 (3). pp. 73-86. <http://www.arts-journal.com>, ISSN 1833-1866

Beck, C. (2016). Método Paulo Freire de alfabetização. *Andragogia Brasil*. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>. Acesso em: 05 de setembro de 2021.

Boal, A. (1977). *O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Borges M. (2020). Os jogos teatrais do teatro do oprimido de boal – as possibilidades de construção do letramento político. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n. 18, 2020.

Boal, A. (1982). *200 exercícios e jogos para o ator e não ator com vontade de dizer algo através do Teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Branco, J.(2016), *Crioulização Cénica: Em busca de uma identidade para o Teatro Cabo-Verdiano*. Tese de Doutoramento em Comunicação e Artes. Algarve: Universidade do Algarve



Branco, J.(2004). *Nação Teatro-Historia do Teatro em Cabo Verde*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro.

Cardoso, R. (2020). Cabo Verde e o Teatro: A Cultura cabo-verdiana em Palco. *Revista eletrónica do programa de Doutoramento do CES/Universidade de Coimbra*, nº21-Doutoramento em Discurso: Cultura, História e Sociedade.

Coutinho, M. (2019). O teatro como fissura na cidade desigual. In H.Cruz, I. Bezelga e R. Aguiar. (Org.). *Práticas Artísticas: Participação e Comunidade*. (165-174) Évora: CHAIA-Universidade de Évora.

Cruz, H. (2016). Mapa, o jogo da cartografia: desenho em palavras. Porto: PELE.

Cruz, H., Menezes, I., & Bezelga, I. (2021). Práticas artísticas comunitárias e participação cívica e política na ação de três grupos teatrais em Portugal. *Educação, Sociedade E Culturas*, (59). <https://doi.org/10.24840/esc-104>

Cruz, H., Bezelga, I. e Menezes, I. (2020). Para uma tipologia da participação nas práticas artísticas comunitárias: a experiência de três grupos teatrais no Brasil e em Portugal. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>.

Cruz, H., Bezelga, I. e Aguiar, R. (2019). *Práticas Artísticas: Participação e Comunidade*. Évora: CHAIA.

Cruz J. (2019). O que é o Teatro do Oprimido? Disponível em <https://oprime.wordpress.com/about/>. Acesso em 4 de janeiro de 2021

Cruz, H., Bezelga, I., Rodrigues, P. (2017). *Práticas artísticas comunitárias*. Porto: PELE-Espaço de contacto social e cultural e CHAIA-Universidade de Évora.



Moya I. (2019). Paulo Freire: o que diz a filosofia do educador brasileiro? Disponível em [www.politize.com.br/paulo-freire/](http://www.politize.com.br/paulo-freire/). Acesso em 4 de março de 2021.

Nogueira, M. (2007). Tentando definir o Teatro na Comunidade. In *IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, ABRACE*, v. 8, n. 1. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1179/1279>  
Acesso em & de julho de 2021.

Nogueira, M. (2009). *Teatro na Comunidade: Interações, dilemas e possibilidades*. Florianópolis: Ed.da UDESC.

Nogueira, M. (2013). *Teatro na Comunidade: Conexões através do Atlântico*. Florianópolis: Ed.da UDESC.

Spolin, V. (2010). *Improvisação para o teatro*. Trad. e ver. Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de AlmeidaA. São Paulo: Perspetiva.

Telles, N. (2003). Teatro Comunitário: Ensino de Teatro e Cidadania. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v.1, n.5, (66 -71).

Kuppers, P. (2007). *Community Performance: An introduction*. London: Routledge Taylor and Francis.

Kondé, K.(2010).*Escritos sobre o teatro*. Praia: Artiletra.



## ANEXO 1

### Partilha sobre a experiência das sessões

#### 1ª sessão:

**É-** “em relação ao andar corretamente não senti dificuldades pois a minha postura de andar é sempre essa, e nunca ando com a cara no chão porque aqui em Cabo Verde há uma crença que sempre ouvi, que diz que quem anda com a cara no chão morre mais cedo (risos) então por medo sempre andei com a cara levantada, mesmo estando triste. O que não tenho é muita paciência e sou muito ansiosa por isso senti dificuldades quando tive que andar mais devagar na velocidade 1 e 2, pois tinha que abrandar e ter calma (risos), não é fácil, mas é tudo um treinamento e acredito que com o tempo os exercícios vão me ajudar nisso.”

**F.-** “Para 1º dia gostei muito mesmo, fiz coisas que nunca tinha feito antes, as vezes tenho muito receio em fazer determinada coisas, em me expressar e dizer o que penso e isso me dificulta muito no dia a dia, mas hoje gostei mesmo muito de todo o que fizemos e acredito que tudo isso e o que vamos fazer irá me ajudar muito mesmo. Tive dificuldade em todos porque estava com muito medo e muito receio, mas depois me senti muito melhor.”

**C-** “Eu aprendi muito hoje porque tenho por hábito andar com a cara fechada, no chão e de forma desleixada, hoje aprendi que temos que ter presença e andar sempre com postura fazendo com que a nossa presença seja notada e não devemos andar com medo ou receio nem insegurança. Tive dificuldade nas velocidades mais lentas por que sou uma pessoa muito impaciente, e sem dar por mim em vez de velocidade 1 ou 2 já estava em 5 ou 7 (risos), e essas atividades nos ajuda muito, muitas vezes pensamos que teatro é apenas fazer rir os outros, mas já vi que primeiro t



## ANEXO 2

temos que contruir nossa pessoa e isso vais nos ajudar na nossa vida profissional, social familiar em fim em tudo, com mais calma, postura e a noção do que estamos a fazer”.

**L.-** “ Em relação ao andar não senti muita dificuldade porque assim como a É., tenho por hábito mesmo andar assim, mesmo que muitas pessoa dizem que estamos a ser arrogantes e dar uma de ricos e no jogo da sardinha aprendi muito, uma delas é que quando mais unidos estivermos melhor é porque podemos fazer muitas coisas, a minha dificuldade maior tem a ver com mudança de velocidade ,pois como podem ver estou fora de forma (risos) essa pandemia acabou comigo (risos).No entanto já percebi que teatro não é só fazer o publico rir mas no proporciona a facilidade de fazer muito mais coisas e ela com certeza nos irá ajudar muito. O teatro é mesmo uma grande arte”.

**Í-**“ vou ser sincero, sou uma pessoa muito fechada e muito vezes me isoło das pessoas, porque penso muito e me perco nos meus pensamentos, mas através desses exercícios que fizemos hoje, tive que abrir e expandir a minha mente, pois caminhando juntos, estamos compartilhando um objetivo e as nossa ideias, por exemplo no exercício de sardinha tivemos que nos unir e trabalhar em conjunto, como um coletivo, devido a minha deficiência tive mais dificuldade nas mudanças de velocidades, mas isso para mim é muito bom, porque assim fazemos exercício físico e exploro mais as minhas capacidades e acredito que vou aprender muito mais, ao longo dessa oficina.”

**Z.-** “Gostei muito, já me sinto mais a vontade (risos), senti diferença no meu corpo, ao caminhar e respirar, acredito que mais á frente tirei muitos mais ganhos, senti maiores dificuldades, com a caminhada e nas velocidades lentas” (risos).

### ANEXO 3



**Fotografia 1.** Exercício da caminhada e ocupação de espaço.

**Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 2.** Exercício da sardinha. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 4

### 2ª sessão

**Em relação aos exercícios de caminhada e ocupação de espaço, velocidade e estátua como se sentiram comparativamente á 1ª sessão?**

**L.:**” Para mim hoje tive mais facilidade em realiza-los, e acredito que com o tempo irei melhorar ainda mais o meu desempenho”.

**Í.:** “No 1ª dia não sabia o que me esperava por isso estava com receio, mas com vontade de fazer algo novo e ansioso ao mesmo tempo o que dificultou um pouco, mas hoje me senti muito melhor”.

**Z.:** “No 1º dia estava mais tensa, mas hoje me senti mais á vontade, por exemplo as velocidades 1 apesar de estar ainda com dificuldades senti que fiz melhor que a 1ª sessão e vou melhor ainda mais”

**F.:** “Essa 2ª sessão para mim foi, mas suave já não estava tão tenso como na 1ª, e tenho mais vontade de explorar e mais (risos).

**C.:**” Hoje na 2ª aula tive menos dificuldades, mas ao mesmo tempo senti que estava mais ansiosa que o 1º dia, não sei porquê (risos) mas foi bom”.

**J.:** “Foi a minha 1ª vez gostei muito, senti algumas dificuldades na caminhada principalmente nas velocidades 1 e 2, mas sei que vou superar e melhorar”.



## ANEXO 5

**D.:**”. Confesso que estou com vergonha ainda e um bocadinho tímido (risos), mas já sabem como é (risos), foi a minha primeira vez, mas gostei muito, e quero continuar”.

### **Questões postas ao grupo em relação ao jogo de orientação denominado de Exposição:**

#### **1. Como se sentiram logo quando subiram ao palco?**

**L.:**” **Quando** subimos ao palco pela 1ª vez sentimo-nos tímidos e muitas vezes perdemos o foco em relação ao que estamos a fazer, mas ao nos concentramos, acabamos por analisar o público e o seu interesse em relação ao que estamos a fazer. Durante o momento que estava no palco a observar a plateia, alguns dos nossos colegas na plateia sorriram tentando nos “provocar” (risos), acabamos por rir e isso não se disfarça porque a nossa musculatura do rosto, a nossa orelha nos denunciam porque se movimentam.

**D.:** “Achei muito fixe, mas algumas vezes me desfoquei e acabei por rir, me desculpem (risos) mas acho que não consigo subir num palco para atuar “(risos).

**F.:** “Gostei muito de estar em cima do palco porque obrigamos a nossa mente a fazer uma determinada coisa, a observar e a focar em algo por exemplo eu tenho dificuldade em me focar e concentrar, por isso esse exercício para mim é bom e gostei muito e ele deve ser feito sempre”.

**L.:** “Nesse exercício trabalhamos foco e concentração, nos ensinando que devemos nos focar e concentrar sempre no que estamos a fazer, eu me desconcentrei muitas vezes porque não é fácil. O facto de observar o público me fez ver que muitas vezes não observamos que está ao nosso redor, não sabemos ver os outros nos olhos e isso é muito importante, esse



## ANEXO 6

treinamento é muito bom para quem faz teatro porque temos que saber estar em palco. Gostei muito e quando for para casa vou treinar”.

**C.:** “Em relação ao palco gostei muito porque para mi me ensinou a saber encarar as pessoas e as coisas, sem receio e sem baixar a cara ou desviar o olhar, mas esse exercício nos ensina a enfrentar isso, no início quando a plateia riu eu também o fiz (risos) e desconcentrei-me, mas depois consegui me focar novamente. (risos)”

**J.:** “Em relação ao exercício, senti mais dificuldades, porque não é fácil encarar as pessoas, há pessoas para quem eu olhava e me conseguia focar ,mas por exemplo em relação ao D. sempre que olhava para ele me desconcentrava (risos).Por isso optei por não olhar para ele, porque ele já faz uma cara muito cómica e engraçada (risos)”.

**Z.:**” Bom, eu gostei muito de subir ao palco, e encarar as pessoas, porque tenho muita dificuldade em fazer isso porque fico com vergonha, (risos) mas esse exercício me despertou á vontade de subir ao palco mais vezes e de as pessoas nos olhos sem vergonhas e receios (riso)”

### **2. Como sentiram o vosso corpo, o vosso estômago? E os vossos olhos?**

**I.:**” Eu me senti saudável” (risos)

**F.:** “Mais Solto” (risos)

**D.:**” para falar a verdade senti uma espécie de formigueiro no estômago, e também uma “fomininha” (risos) e um pouco de desconforto nos pés (risos).



## ANEXO 7

**I.:** “No começo senti um friozinho também, mas mais á frente acredito que vou superar isso (risos).

**C.:** “Eu senti dificuldades com o meu corpo, pois comei a senti-lo pesado, e senti um pouco de desconforto nos meus pés como disse o Djeisom e acabei fazendo alguns movimentos para tentar aliviar isso”.

**Z.:** “Eu senti dificuldades em respirar (risos) porque sem querer acabei prendendo o meu corpo, contraindo de tal forma que me dificultava a respiração (risos) apesar de querer respirar. Eu esqueci-me de respirar (Risos)”.

### **3. Como se sentiram quando estavam a contar?**

**J.:** “durante a contagem acabei a focar mais nos números que na mesa propriamente dito (risos).

**Z.:** “Foquei-me a contar as mesas iaiá até 100 e voltava novamente, me senti mais ou menos (risos).

**I.:** “Eu foquei-me na contagem mas percebi que se contar muito até 2000 por exemplo(riso) fico sem fôlego(Risos) por isso resolve contara até 50 e recomeçar de novo.(risos)

**C.:** “Eu ia até 8 depois recomeçava de novo (risos) para não me perder (risos).

**D.:** ”No inicio contava até 30, depois chamei a me mesma atenção porque ficava sem ar (risos), e contava até 7 e recomeçava, pois esquecia-me de respirar (risos)”.

**F.:** “Contava muitas vezes saltando os números (risos)”.

## ANEXO 8

### 4. Qual a sensação no estômago depois da contagem?

**F.:**” senti-me diferente, mais tranquilo e percebi que o exercício afinal não era tão difícil assim (risos)”.

**I.:** “Na 1ª vez estávamos como publico e acabei observando os colegas e falei para mim mesmo que tinha que fazer um bom trabalho também (risos). Depois da contagem senti-me muito melhor e mais concentrado”.

**L.:** “No inicio estava muito tensa, mas depois da contagem senti-me muito mais leve “.

**F.:**” Durante a contagem esquece-me da tensão, e acabei ficando muito mais relaxado.

**C.:**” Sim é verdade fiquei muito mais relaxada.”

**J.:**” Senti-me melhor”.

### Fotografias



**Fotografia 3.** Exercícios de caminhada no espaço, velocidade e estátua. **Fonte:** Acervo pessoal

Évora 2022

## ANEXO 9



**Fotografia 4.** Exercícios de orientação chamado “experimentação” com o grupo 1 como plateia e grupo 2 no palco. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 5.** Exercícios de orientação chamado “experimentação” com o grupo 1 como plateia e grupo 2 no palco. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 10

### 3ª sessão

Segundo os participantes, essa 3ª oficina foi ainda melhor que os restantes, os elementos novos introduzidos que exigem um pouco mais do corpo, lhes permitiu explorar o seu corpo como nunca tinham feito antes, lhe proporcionando a possibilidade de ir um pouco mais além do seu limite, com jogos tão simples, mas ao mesmo tempo tão completos permitindo-lhes “soarem a camisola”, mas de uma forma extremamente prazerosa.

Os participantes inclusive afirmaram estar surpreendidos e ao mesmo tempo contentes com o desenrolar da oficina que tem sido cada vez mais interessante na medida em que em cada sessão aprendem algo novo e interessante que lhes será útil como pessoas e para as coisas que fazem e/ou querem fazer para sua comunidade.

**I.:** “Cada sessão a oficina está cada vez mais interessante, e estamos sempre a aprender coisas novas, que nos permitem ganhar agilidade, força e flexibilidade através dos jogos de níveis, tipo de andar e respiração. Tenho algumas dificuldades por causa da minha deficiência, mas esses jogos para mim são muito importantes e serve como uma fisioterapia que me ajudam muito.”

**Z.:** “Hoje foi melhor ainda que o anterior, gostei muito mesmo dos jogos introduzidos hoje, tive mais dificuldades no andar leve porque ainda tenho o corpo muito pesado(risos) mas tenho a certeza que vou ultrapassar essas dificuldades.”

**C.:** “Estou a agostar bastante, está cada vez mais interessante, senti mais dificuldades no andar pesado e leve (riso), e muitas vezes ficamos convencidos de que estamos a fazer muito bem, mas na verdade ainda não chegamos lá (risos)”.

## ANEXO 11

**K.:** “ É a minha 1ª sessão, já tive contacto com o teatro na escola, mas aquele teatro muito básico sem as noções reais das ferramentas necessárias para fazer teatro, e já percebi que tenho muito que aprender mesmo (risos),mas gostei muito do que aprendi aqui hoje e quero continuar.”

### Fotografias



**Fotografia 6.** Exercícios de caminhada com o corpo fechado **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 7.** Exercícios de caminhada com

**Fonte:** Acervo pessoal  
Évora 2022



## ANEXO 12

### 4ª sessão

**E.:** Esse foi a minha 1ª oficina, gostei muito, apesar de ter ficado um pouco cansada (risos) mas isto é porque há muito tempo que não faço exercícios (risos) Quero repetir mais vezes.

**K.:** Foi mais uma oficina muito dinâmica, gostei muito, senti mais dificuldades nos trabalhos desenvolvidos no nível baixo, que gostaria de trabalhar mais.

**E.:** Hoje é a minha 1ª oficina, não tinha noção que trabalhar o teatro poderia ser cansativo assim (risos) mas gostei muito, quero fazer mais vezes. Tive maiores dificuldades.

**T.:** Gostei muito, hoje é minha 1ª oficina (risos), tive mais dificuldades nos exercícios de respiração, e no nível baixo, mas com certeza irei continuar (risos).

**S.:** foi a primeira que participei, tinha outra ideia sobre o que é fazer teatro (risos), para mim teatro era só fazer rir, era fácil de fazer (risos), mas gostei muito, apesar de estar há muito tempo sem mexer o corpo (risos), senti maior dificuldade nos trabalhos no nível baixo.

**S.:** É a 1ª vez que venho, mas gostei muito, tenho aulas no liceu, mas mesmo assim, quero continuar porque amei.

**J.:** “Essa é a minha 2ª sessão, e gostei muito também, tive mais dificuldades no nível baixo porque o corpo está um pouco pesado (risos), mas vou continuar e próxima sessão vou trazer roupas que me permitam deitar no chão mesmo (risos).

**C.:** Eu estou cá desde a 1ª sessão, e as sessões estão cada vez mais interessantes e esta a ser muito fixe. E as dificuldades físicas estão cada vez menos, mas por enquanto não posso fazer

## ANEXO 13

muito esforço porque fui recém operada, mas quero ir até ao fim (risos) queria dizer mais coisas, mas já esqueci (risos).

**L.:**As sessões estão muito fixes e interessantes até trouxe mais pupilos (risos), hoje rolei pelo chão mesmo (risos), mas estou a aprender muito tanto em termos de trabalhar com o meu corpo como em termos de respiração.

### Fotografias



**Fotografia 8.** Exercícios de caminhada no espaço. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 9.** Exercícios de caminhada no espaço e estátua. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 14

### 5ª sessão

Quantas as partilhas sobre a experiência da 5ª sessão e as principais dificuldades que sentiram infelizmente por razões técnicas, perdeu-se todas a gravação dos mesmos, no entanto ficou claro durante a oficina que todos gostaram e aprenderam bastante com os jogos realizados e todos forma unanimes a afirmar que uma das coisas que aprenderam é que realmente muitas vezes não são precisas palavras para compreender outro ou estabelecer uma comunicação, basta saber ouvir e dar atenção ao outro.

### Fotografia



**Fotografia 10.** Exercícios demonstrar a sensação de calor com o corpo

**Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 11.** Exercícios demonstrar a sensação de frio com o corpo.

**Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 15

### 6ª sessão

#### **O que sentiram enquanto estavam deitados de olhos fechados?**

#### **Que lembranças tiveram quando sentiram o gosto de salgado e depois o doce?**

**E:** “foi muito bom, apesar de sentir inicialmente uma sensação de medo ao ficar deitado com os olhos fechados e quando senti o líquido na cara, fiquei com curiosidade, contudo apesar desses receios o meu corpo não reagiu com violência quando senti esse a cara molhada sem estar a espera, quando nos foi pedido para abrir a boca fiquei ansiosa a imaginar que poderia ser algo bom como o chocolate por exemplo(risos), mas quando engoli a saliva e senti o sal fiquei surpresa (risos), contudo depois quando abri novamente a boca, senti de imediato o sabor doce, ou seja o próprio corpo já reagiu de forma diferente, com mais sensibilidade, a sensação do sol no meu corpo foi estranho ao mesmo tempo bom.

Durante a sessão toda senti uma espécie de pressão e uma luta entre a minha mente e o meu corpo, porque nunca tinha sentido o meu corpo dessa forma, quando nos foi pedido para começamos a nos movimentar suavemente e mudei de posição acabei por relaxar tanto que quase adormeci (risos).

Mas foi uma conjugação de sentimentos muito intensos, ansiedade, medo, um certo desconforto, o sentir a natureza mesmo sem ver, parar e apenas sentir, isso me fez muito bem porque nunca tinha experimentado essa sensação, por isso gostei muito mesmo. Espero que se repita mais vezes (risos)”, senti-me muito mais focada e muito mais concentrada aqui, a minha mente muito mais aberta, mesmo sabendo que havia outras pessoas ao meu e que provavelmente estavam a nos observar.



## ANEXO 16

**C.:**” **Bom** eu no entanto não senti essas sensações de medo e ansiedade, foi totalmente oposto, e acabei por perceber que fiquei tanto tempo andar de uma lado para o outro sem parar, que acabei por esquecer de mim mesmo, sem nunca relaxar. Quando senti a água na cara lembrei-me da minha mãe (pausa e choro). Quando senti o sal e comecei mesmo a rir lembrei-me do meu namorado (risos) mas não sei explicar porquê (risos), quando senti o açúcar lembrei-me da minha sobrinha e senti-me bem (risos), quando começamos a sentir areia, a sensação de calor e maciez do mesmo, lembrou-me a sensação de ser acarinhada e foi muito bom (risos)”.

**J.:**” Tenho por hábito sentar a beira mar e pensar na vida, mas estar assim dessa forma nunca estive, não senti medo, mas senti-me limitada por ter que ficar parada, algo que não tenho muito hábito de fazer, e quando o sol despontou o seu calor quase me fez desistir (risos) mas depois pensei, se o meu filho que é uma criança, está firme e forte aqui nessas mesmas condições eu também tenho que conseguir pois tenho que ser melhor exemplo (risos), não estava muito tranquila por não saber como ele estava e procurava sentir o toque dele (risos), pensava na minha família, nos problemas que me afligem nesse momento (risos).

Acho que desde que nasci penso em problemas (risos). Quando senti a água no meu rosto, me senti muito feliz, pois senti-me como se estivesse em um poço onde não encontrava uma saída e de repente ela apareceu (risos). Quando senti o sal lembrei-me em comida (risos), quando senti o açúcar, lembrei de algo bom e agradável (risos), a brisa do mar acabou por trazer tranquilidade, o toque da areia me deu a sensação de segurança de ter onde me agarrar de um abraço.

**T.:**” Este exercício me fez ver o quanto que muitas vezes só me foco em mim e esqueço de escutar o outro de dar atenção o que me rodeia, e ao próximo, me fez ver o quão egoísta tenho sido às vezes. Vi que muitas vezes faço as coisas por fazer, por exemplo tomo banho porque tenho

## ANEXO 17

que tomar, como porque tenho comer, mas não dou importância devida e não aprecio como deveria, não sinto o meu corpo como deveria e quando senti a água me assustei muito, juntamente com as sensações de salgado e doce, e isso me levou a perceber que não estou prepara para a vida, para as mudanças que possam ocorrer, nem para coisas novas que possam vir. Quero e preciso fazer esse tipo de exercício muito mais vezes. Amei cada instante aqui hoje.

### Fotografias



**Fotografia 12.** Sessão de relaxamento. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 13.** Sessão exploração os órgãos dos sentidos. **Fonte:** Acervo pessoal  
Évora 2022



## ANEXO 18

### 7ª sessão

**K.:**” Assim como os restantes dias, foi muito bom e são coisas que vão nos servir para a vida”, tais como postura, a respiração saber escutar o outro e a mim mesma. Em relação ao novo exercício, foi muito interessante, por nos ajuda a trabalhar na coordenação motora e no trabalhar em conjunto com os restantes a colega e a dominar o nosso corpo, se pudesse dar um nome a esse jogo chamaria de “Rua de obra”, é a rua onde estamos, por ser agitado cheio de ritmo e movimentos

**C.:** “Hoje a sessão foi também muito bom, trabalhamos a concentração e memorização e eu por ser desconcentrada ( risos), tenho dificuldades em apanhar tudo logo a primeira, por causa disso no inicio não foi fácil, mas depois consegui me focar e concentrar e acabei por conseguir fazer o exercício sem problema. Tenho a certeza que esses jogos e exercícios vão-me a ajudar bastante a melhorar. Em relação ao jogo novo com os movimentos corporais gostei muito, apesar de ter ficado cansada (risos), mas isso é por causa não tenho por hábito mexer o corpo assim (risos).

O Ultimo exercício foi muito fixe, e ao ver o vídeo vi que ficou muito bonito, apesar de ter ficado um pouco cansada(risos) mas valeu apena, ele me lembrou a mininovela Floribela (risos), com os seus movimentos, musicas, flores e cores, mas não sei porquê (risos), se pudesse dar um nome seria “Floribela” (risos).

**N.:** “No inicio foi suave, com exceção da parte da postura corporal que não tenho (risos) e do corpo porque não o tenho muito flexível (risos). Também tenho dificuldades na respiração,



## ANEXO 19

porque por sofrer de ansiedade isso não ajuda muito, nos exercícios de concentração e memorização, geralmente consigo me concentrar e memorizar rapidamente, mas hoje por causa do barulho que vinha da rua, senti mais dificuldades em fazer isso. O último exercício foi muito bom e interessante, que nos exige um pouco mais de concentração, fiquei com os braços cansados (risos).

Amanhã vou amanhecer com dores nos braços (risos), mas gostei muito (risos). Não sei exatamente o que esse exercício me lembra, mas se pudesse dar um nome seria **“Sincronização de corpos”**.

**J.:**” Foi muito bom a nossa sessão, senti mais dificuldades na parte corporal, (risos), mas é porque estou fora de forma e o corpo está entrelaçado (risos), a música que vinha da rua não ajudou muito nos exercícios de concentração mas mesmo assim dei o meu máximo (risos).

No último exercício senti-me mais difícil para mim, (risos) porque são movimentos que não tenho hábito de fazer, nos ajuda a trabalhar o ritmo e coordenação, cansei-me um pouco (risos) mas gostei muito, ele me levou ao teatro mesmo, mas de forma diferente. Ficou muito bonito me lembrou tanta coisa, não sei como explicar (risos) e não sei que nome daria para esse exercício (risos).

**S.:** “Tenho gostado muito de todas as sessões, sinto mais dificuldades na respiração (risos) mas estou dando o meu melhor (risos). A parte de memorização foi um pouco mais difícil, no último exercício que fizemos, senti-me muito bem- com o corpo mais ágil, principalmente para mim que sou preguiçosa (risos) e nos ajuda a despertar o corpo.

**J.:** “Eu vim fazer outra coisas aqui (risos), mas quando vos vi, achei interessante o que estavam a fazer e resolvi ficar até ao fim para ver tudo (risos), e gostei muito mesmo principalmente a forma como se expressam, quero participar também da oficina (risos)”.

**Todos:** “Seja muito bem vinda (risos e palmas)”.

### Fotografias



**Fotografia 14.** Exercícios de ritmos som e movimentos conjugados. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 15.** Exercícios caminhada níveis baixo. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 21

### 8ª sessão

**J.:** “foi o meu 1º dia, desde aquele dia que vos vi, tinha muita vontade de experimentar (risos), gostei de tudo mesmo e achei muito interessante. agora vou continuar até ao fim (risos).

**C.:**” Foi muito bom como sempre (risos), gostei de todos, no ultimo exercício, por ter ficado muito tempo com os olhos fixo em um ponto senti como se os olhos ficassem com câibras e quisessem fechar-se sozinho (risos), e os braços ficaram um pouco cansados (risos) mas foi muito fixe e consegui focar-me e concentrar-me no que estava a fazer.”

**J.:**” Gostei muito das sessões como sempre (risos), não gosto de falhar nem uma das sessões, só no caso de acontecer alguma coisa grave, porque além de me fazer sair de casa, faz-me ficar mais ativa e aprendo muito em cada sessão. Gostei muito do exercício novo de hoje, dos sons dos movimentos”.

**K.:** “Gostei muito, o exercício final das marionetes, foi muito bom, e exige muita concentração, senti mais dificuldade a trabalhar no nível baixo.

**Sra. P. (mãe de J.):** gostei muito mesmo (risos), no outro dia quando a minha filha me disse que queria vir, e ela estava tão empolgada (risos) permite, mas vim cá para puder ver e entender melhor o trabalhão que estão a desenvolver aqui, só fiquei na plateia (risos) mas gostei mesmo muito do que vi e sempre que puder virei cá e darei meu contributo da forma que eu puder (risos).

Í.: “Apesar de só ter chegado tarde, gostei muito e fiquei feliz por ter conseguido fazer o ultimo exercício o de marionetas, pois esse exercício noa ajuda a trabalhar a mente e o corpo o que é muito bom mesmo”.

### Fotografias



**Fotografia 16.** Exercícios de marionetes. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 17.** Exercícios de marionetes. **Fonte:** Acervo pessoal

## **9ª sessão**

### **Partilha sobre a experiência da 9ª sessão e as principais dificuldades que sentiram.**

**R.:**” Gostei de tudo o que foi feito hoje, principalmente do exercício das máscaras, em que tivemos que fazer, expressões de tristeza, alegria, raiva, espanto e medo” (risos).

**K.:** “A sessão foi muito interessante, os jogos exigiram muito de nós, principalmente o espelho que para mim me ensinou que temos que aprender a compreender-nos uns aos outros bem como a colocar-se no lugar do outro.”

**N.:** “Foi mais uma sessão muito interessante, aliás como todos os anteriores (risos), gostei de todos os exercícios novos, principalmente á máscaras, tive mais dificuldades nos jogos do espelho pois a Keiline me “maltratou” (risos) mas gostei mesmo assim (risos)”.

**C.:** “Gostei como sempre (risos), principalmente do jogo das mascaras, tive mais dificuldade no exercício do espelho, pois a menina Radija (risos), fez umas coisas que não entendi direito o que eram (risos), inclusive algumas coisas do balé (risos), que me dificultou a vida (risos). Mas gostei mesmo muito”.

**J.:** “Hoje é a minha segunda sessão, e gostei muito, nas mascaras tive dificuldade em mostrar espanto e tive mais dificuldade em representar a alegria(risos).”

Fotografias



**Fotografia 18.** Exercícios de mascaras (Tristeza). **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 19.** Exercícios de mascaras (alegria). **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 20.** Exercícios de espelho coletivo . **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 21.** Exercícios de espelho coletivo. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 25

### 10ª sessão

**A.:** “Hoje foi espetacular, pelo que aprendi hoje, e vivi aqui, foi mesmo especial, e não tive dificuldade em nenhum dos exercícios”.

**J.:** “Foi muito interessante, como sempre (risos), gostei de tudo o que fizemos e hoje não tive muita dificuldade (risos).”

**K.:** “A oficina foi muito boa, apesar de hoje estar meio em baixo, mas me fez muito bem. Estou mais leve”.

**M.:** “Hoje foi a minha 1ª vez , gostei muito mesmo de todos os jogos que fizemos aqui, e vou continuar até ao fim.”

**J.:** “Como sempre a oficina foi super (risos), cansei-me, muito (risos), mas também me diverti bastante (risos) e ainda estou (risos)”.

**N.:** “Assim como todos os anteriores, aprendi muita coisa e diverti-me muito também (risos).”

**C:** “ As sessões estão indo muito bem mesmo, hoje me descontraí ainda mais, pois ficamos muitas vezes envolvidos com tanta coisa e tantas indas e vindas que esses jogos nos relaxam bastante.No jogo da corda na 1ª vez fiquei cansada e suada (risos) mas quando me trocaram de equipa, senti-me diferente, não foi como da 1ª vez acho que era porque o pessoal não estava tão envolvente e a sentir como na outra equipa,e isso me afetou, mas gostei muito”.

**S. :** “A oficina foi muito fixe, curti muito (risos), diverte-me bastante e apesar de ter só loucos aqui comigo (risos). Foi espetacular (risos)”.

**E.:** “Para mim sempre as sessões são maravilhosas, apesar de ter faltado algumas por motivos de força maior. Hoje estou um pouco embaixa, aliás ultimamente sinto o meu espírito um pouco em baixo, e hoje estava cá mas ao mesmo tempo não estava,mas são coisas que acontecem.

As sessões da oficina sempre me fazem muito bem, ainda me lembro da ultima na praia de mar, foi mágico, e fez-me super bem mesmo, hoje estava embaixo, mas diverti-me muito (riso) e isso me ajudou bastante. Temos aqui adolescentes mas os mesmos tem me ensinado muito (risos).E espero que as próximas sessões me encontrem com melhor animo e energia.”

### Fotografias



**Fotografia 22.** Jogo Cabo-de-guerra. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 23.** Jogo dos 6 objetos. **Fonte:** Acervo pessoal

## 11ª sessão

**R.:** “Gostei de tudo o que foi, inclusivi o jogo dos 6 objectos, e não senti dificuldades em realizar nenhuma das actividades.”

**J.:** “Hoje gostei muito , não senti nem uma dificuldade e aprendi trabalhar minha concentração, por isso eu ri menos(risos)”.

**S.:**” Hoje brincamos (risos), mas também porque os jogos exigiam um pouco mais de contração e foi memso muito bom.”

**N.:**”Como sempre as sessão foi muito interessante, gostei de todos os jogos. O jogo de mostrar actividade exige um pouco mais de atenção e concentração, senti mais dificuldade no jogo com a bola invisível, pois como brincavam muito e com o barulho que vinha de fora,não consegui concentrar e tornar a bola real”.

## Fotografias



**Fotografia 24.** Jogo de mostrar actividade. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 25.** Jogo da bola invisível. **Fonte:** Acervo pessoal

## **12ª sessão**

**N.:**” A sessão foi muito bom, aliás como sempre (risos), principalmente exercício de improvisação com o mini scatch que fizemos, chegou um momento em que me envolvi tanto na personagem que os sentimentos de raiva começaram ser reais e tive que saber geri-lo e não foi fácil (risos), pois não sei agir muito bem quando estou com raiva.”

**K.:**” Gostei imenso, aprendi que tenho que saber controlar as emoções, e foi uma experiencia enorme, pois tenho dificuldades em controlar a minha lingua(Risos) e esses excrcicios mostraram que tenho sempre que ter uma boa postura ainda mais tendo em conta a profissão que quero exercer.

**J. :** “ foi muito bom gostei muito de tudo o que foi feito, (risos) e aprendi coisas novas também, espero que a Abeline venha mais vezes(risos).”

**C.:** “Gostei muito, como todas as outras sessões, foi muito bom, os exercicicos e jogos desenvolvidos , foram muito interresantes, gostei dos jogo das personagens, e do controle das emoções”

**D.:** “ Foi fixe, divertido, mas na cena com a Nélida não gostei, porque aminha personagem dizia coisa que eu não concordo e não gosto e senti mal com isso, (riso), mas era apenas a personagem, não era eu (risos)”

**J.:** ” Amei (risos),fiquei um pouco cansada (risos) , mas gostei de todos os exercicios e jogso que fizemos aqui, aprendi o quão importante aprender a controlar as emoções, quando estava a fazer o exercicio com a Nereida, acabei por chorar de verdade, porque tenho passado

por muitas coisas ultimamente, mas enti-me muito melhor, foi como se descarregasse e que a Abeline volte mais vezes (risos).”

### Fotografias



**Fotografia 26.** Exercícios de aquecimento e alongamentos. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 27.** Exercícios de improvisação aos pares. Conflito entre personagens. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 30

### 13ª sessão

**A.:**” para mim foi muito bom essa oficina, apesar de ter dado o meu maximo sei que há sempre coisas a melhorar, pois, muitas vezes nós que estamos dentro temos ideia que estamos a fazer tudo muito bem feito mas quando alguém de fora, com outra visão e experiencia vê, consegue observar pontos a melhorar, e é assim que a gente aprende e melhora dia por dia, cada vez mais”.

**C.:** “A sessão foi ótima, mas senti que não dei tudo de mim, pois não senti que coloquei verdade em cena, e por consequencia senti que não transmite verdade para quem estava ver.”

**J. :** “ Eu gostei da oficina como sempre, mas hoje estava bom energia baixa (risos) e por si senti também que não dei tudo de mim, em algumas partes do exercicio.

**S.:** “A sessão foi muito boa, não senti muita dificuldade, acho que fiz um bom trabalho e dei o maximo” (risos).

**K.:** “ Hoje aula foi muito interresante, como todas as outras, pois, as actividades em equipa me estão a ensinar que nem sempre conseguimos fazer tudo sozinhos e que as vezes temos que trabalhar em equipa para alcançar o objetivo que queremos. Trabalhando a concentração tem sido otimo também não só para o teatro mas para tudo. Tenho sentido dificultadr em tornar o objeto real e colocar averdade em cena”.

**M.:** “Gostei muito dos dois jogos que fizemos(risos), senti dificuldade e tornar tudo verdadeiro”.

## ANEXO 31

### Fotografias



**Fotografia 28.** Envolvimento em três ou mais, grupo 1.  
**Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 29.** Envolvimento em três ou mais” grupo 2.  
**Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 32

### 14ª sessão

**M.:** “ Gostei muito de tudo o que fizemos hoje, de cada exercicio que fizemos.”

**C.:** “Gostei de hoje e aprendi muito, aprende que trabalhar em equipa temos que ter organização e concentração, e concluir que sem organiazção nada se resolve.”

**R.:** “ Gostei de tudo aula foi muito divertida”.

**J. :**” Gostei muito de hoje(risos), em alguns momentos vi que se tivemos trabalhados mais em equipa e de forma organizada ninguém ficaria fora do grupo.”

**A. :** “ Para mim foi demais, e aprendi que o trabalho de grupo só tem mais força se todos nos focamos no mesmo objectivo, e nos organizamos”.

### Fotografias



**Fotografia 30.** jogo de agrupamento de numeros com os pés. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 31.** jogo de agrupamento de numeros com as mãos. **Fonte:** Acervo pessoal

### ANEXO 33



**Fotografia 32.** jogo das estátuas de barro moldaveis.  
**Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 33.** Roda da partilhas.  
**Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 34.** Foto de família em homenagem ao dia internacional do teatro.  
**Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 34

### 15<sup>a</sup> sessão

**K.:** “Como todas as vezes a oficina foi bastante produtiva, apesar de ter faltado as duas últimas sessões, isso não influenciou pela negativa a minha vontade e ânimo de trabalhar. E hoje fiquei feliz (risos), pois tivemos a oportunidade de trabalhar tudo o que já vimos até agora por isso gostei muito.”

**A.:**”. Hoje foi uma experiência nova e extremamente produtiva, ganhei muito mesmo e vi realmente a importância de ser ter algumas ferramentas básicas para se trabalhar uma peça de teatro, e isto mudou e a minha visão de como colocar um trabalho teatral em palco. Estou aprendendo coisas muito valiosas mesmo.”

**J.:**” **Faltei** as últimas duas sessões, mas para mim isso também não influenciou a minha vontade de aprender. Gostei muito do que foi feito aqui, senti quem em alguns momentos tinha que me entregar mais, mas vou continuar a me esforçar. Estou muito feliz porque estou a ver a evolução dos meus colegas, que estão cada vez mais empenhados e dedicados a trabalhar que continuemos assim (risos).”

**M.:** “A aula foi muito interessante, trabalhamos muito a improvisação e isso exigiu muito de nós, mas gostei muito, a única dificuldade que tive foi controlar o meu irmãozinho que tive que trazer hoje (risos)”.

**J.:** “A sessão estava muito interessante, e muito boa, inicialmente entendi que ao continuar a história tinha que concordar ou discordar, mas depois percebi o que realmente era para fazer e isso ajudou bastante. Quando tive que fazer uma improvisação sozinha eu senti-me muito a

## ANEXO 35

vontade, apesar de normalmente sentir muita vergonha, mas gostei muito de ter feito tudo livremente como eu queria e senti-me livre (risos).”

**C.:** “Hoje aprendi muita coisa, tais como improvisar, apesar de algumas vezes ter estado quase a bloquear (risos) mas consegui dar a volta também pude trabalhar a minha criatividade”.

**R.** “A sessão foi muito boa, gostei muito de ter improvisado, a senti mais dificuldade no exercício de improvisar com objeto.”

### Fotografias



**Fotografia 35.** 1º exercício de improvisação. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 36.** 3º exercício de improvisação, com objetos. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 36

### 16ª sessão

**R.:** “Hoje foi espetacular (risos), porque apanhamos uma historia antiga, sobre a nossa comunidade, que fala sobre a pobreza, falta de água e até de alimentos pelo qual muito dos moradores passaram e fizemos uma improvisação e apresentamos. Gostei mesmo muito!”

**J.:** “A sessão foi muito boa (como sempre), com o imprevisto que fizemos conheci um pouco mais sobre a historia antiga da minha comunidade, que não conheço muito apenas alguns trechos que ouvi aqui e ali, e hoje aprendi muito, foi mesmo muito bom!”.

**K.:** “”. Hoje foi muito bom/como sempre), aprendi ainda mais, e conheci muito mais da minha comunidade, e acabei por sentir um pouco na pele o que a minha avó sentiu, e isso me fez ver que atualmente nós reclamamos de tudo e nunca estamos satisfeitos com nada, mas já não vou reclamara tanto assim, porque antigo antigamente sofreram muito mais.”

**C.:** “A sessão foi muito fixe, divertimos muito, mas trabalhos muito também, amei ter feito essa pequena apresentação isso me permitiu ver as coisas de outra forma.”

**M.:**” A oficina foi muito boa, a historia que improvisamos foi muito bom, alguns disseram que sentimos na pele o que tinha sentido antigamente mas a verdade estamos muito longe disso, porque a situação era muito precária, nem um simples chinelo as pessoas conseguiam comprar, e tinha que andar com os pés descalços, na estrada de terra e pedra longas distancias, pela madrugada para conseguir um baldinho de agua e muitos vezes regressavam á casa de balde vazio”.

**J.:**” A oficina foi muito interessante, e gostei muito, vi que trabalhar em grupo conseguimos muito mais do que ser individualistas”.

## ANEXO 37

**N.:** “Gostei muito da oficina, (risos) mas em relação ao trabalho apesar de ter gostado muito, percebi que algumas pessoas, foram um pouco mais individualistas, acabaram por fazer algumas coisas que não estavam combinadas e isso notou-se, e da minha parte deveria ter um pouco mais de seriedade porque ao me desconcentrar acabei por estragar uma das cenas e isso não deveria ter acontecido.”

**A.:** “Da minha parte, foi muito bom, em relação ao trabalho gostei muito, mas concordo com a N., eu também em algumas cenas acabei o por esquecer o que tinhas combinado (risos), e dei alguns erros (risos), mas aprendi ainda mais e acredito que para aproxima será ainda melhor.”

### Fotografias



**Fotografia 37.** 1ª cena do exercício de improvisação, com a história.

**Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 38.** 2ª cena do exercício de improvisação, com a história.

**Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 38

### 17<sup>a</sup> sessão

**J.:** “Gostei muito dos exercícios realizados hoje, desde o jogo da sardinha até ao a contação de história, gostei muito mesmo”.

**M.:** “Apesar de ter chegado muito tarde por causa da escola, gostei muito do pouco que fiz, e quero fazer muito mais”.

**N.:** “O jogo da sardinha foi muito útil, nos ensinou muito, eu pelo menos aprendi muito, no sentido de saber escutar o outro, cuidado com o outro, e a apresentação da historia me tocou muito porque são historias muito fortes e alguns pessoais.”

**K.:** “Cada vez que assisto a oficina, saio daqui com novas aprendizagens, e os jogos que fazemos estão a me ajudar bastante, o jogo da sardinha, não sei explicar bem, mas para mim, ele nos ajuda a trabalhar pensado e escutando o outro, mostra-nos que ás vezes é necessário “sair do nosso mundo” e “seguir o outro”, no bom sentido claro (risos), e a ficar cientes do que estamos ou devemos fazer. E a historia que apresentamos da nossa comunidade que não sabia.”

**J.:** “A sessão foi muito interessante, desde o jogo até á apresentação, sendo que a historia que foi aqui contada aconteceu exatamente onde eu vivo atualmente e eu não conhecia essa historia”.

**R.:** “Gostei de tudo mesmo, no jogo da sardinha aprendi a não ficar na frente (risos), e gostei de ter partilhado a minha historia”.

**C.:** “A sessão foi fixe (risos), o jogo da sardinha é muito interessante, pois com ela eu percebi que se uma pessoa se distrai ou não se foca todo mundo tem tendência ase distrai também, temos

## ANEXO 39

que aprender a sentir a presença um do outro a ter cuidado com o outro, as histórias que aqui ouvi, uma já conhecia, mas o da Riana não, e gostei muito.”

**T.:** “Há muito tempo que não participativa na oficina, por motivos de força maior, mas senti saudades, com o jogo da sardinha aprendi a importância de trabalhar em equipa e de escutar o outro e as histórias não conhecia nenhuma, e gostei de ter a chance de conhecê-las.”

**D.:**” Gostei muito da aula, apesar de ter sentido muito calor e a garganta ficou seca (risos) e depois na caminhada eu acabei por andar em círculos (risos) e só percebi quando fiquei um pouco tonto(risos), mas a culpa foi minha (risos), mas gostei de tudo desde a sardinha até as histórias que escutamos.

**A.:** “A sessão foi muito boa, e cada dia aprendemos mais, e nos é facultada coisa muitos bonitos, e as partilhas nos enriquecem bastante mesmo, cada dia é um ganho, e mesmo quando a oficina terminar o que aprendemos aqui nunca esqueceremos. Os exercícios foram muito ricos, as histórias já conhecia, menos o da Kellinne (risos) e gostei muito mesmo”.

### Fotografias



**Fotografia 89.** exercício de caminhada, níveis e ritmos. **Fonte:** Acervo pessoal Évora 2022



**Fotografia 39.** Jogo da sardinha. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 40

### 19ª sessão

**C.:** “Na peça que fomos assistir, presenciei muitas coisas interessantes, sendo que algumas das ferramentas usadas pelas atrizes já tinha aprendido na oficina (risos), nomeadamente o uso dos níveis( alto, baixo, médio), as diferentes velocidades de deslocação, as diferentes formas de andar ou caminhar (leve, pesado, aberto ou fechado), a pronuncia e o falar, claro com projeção da voz, a estátua, a imitação, cenas em simultâneo onde quando uma cena termina, os atores congelam e outra cena continua, apostura, a presença e a verdade em cena etc. Aprendi muito ao ver esse espetáculo, fiquei mais apaixonada ainda pelo teatro, porque nunca tinha visto uma peça de teatro, tão bem organizado, sofisticado (luzes, som, cenários e figurinos). Foram cerca de 1 h com três pessoas em cima de um palco, mas não me cansei de ver e nem os atores mostram qualquer tipo de cansaço e baixa de energia, se pudesse mudar ou acrescentar alguma coisas não faria nada (risos), pois tudo está perfeito, (risos), talvez quando tiver ainda mais bagagem e for mais profissional possa encontrar algo para mudar ou acrescentar(risos). Gostei imenso e gostaria muito de repetir mais experiências do tipo”.

**K.:** “Essa peça de teatro que fomos assistir foi muito importante para mim, pude ver ali várias ferramentas que temos aprendidos na nossa oficina como por exemplo, as diferentes velocidades de deslocação, as diferentes formas de andar ou caminhar (leve, pesado, aberto ou fechado), o uso dos níveis (alto, baixo, médio) e muitas outras coisas. Eu como uma mera aprendiz, precisava mesmo ver uma peça em cena. Foi a primeira vez que vi uma peça assim, espero poder ter a oportunidade de ver muito mais (risos).”

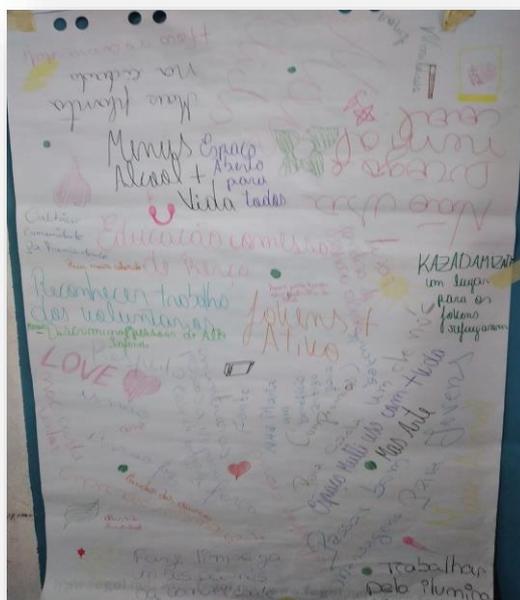


## ANEXO 42

21ª sessão: Criação do painel sobre as soluções para ajudar no desenvolvimento da comunidade



**Fotografia 42.** À procura de soluções para diminuir e/ou eliminar os aspetos menos positivos da comunidade. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 43.** Painel 3- Soluções que acreditam serem viáveis para minimizar e ou diminuir as aspetos menos bons da comunidade. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 43

22ª sessão

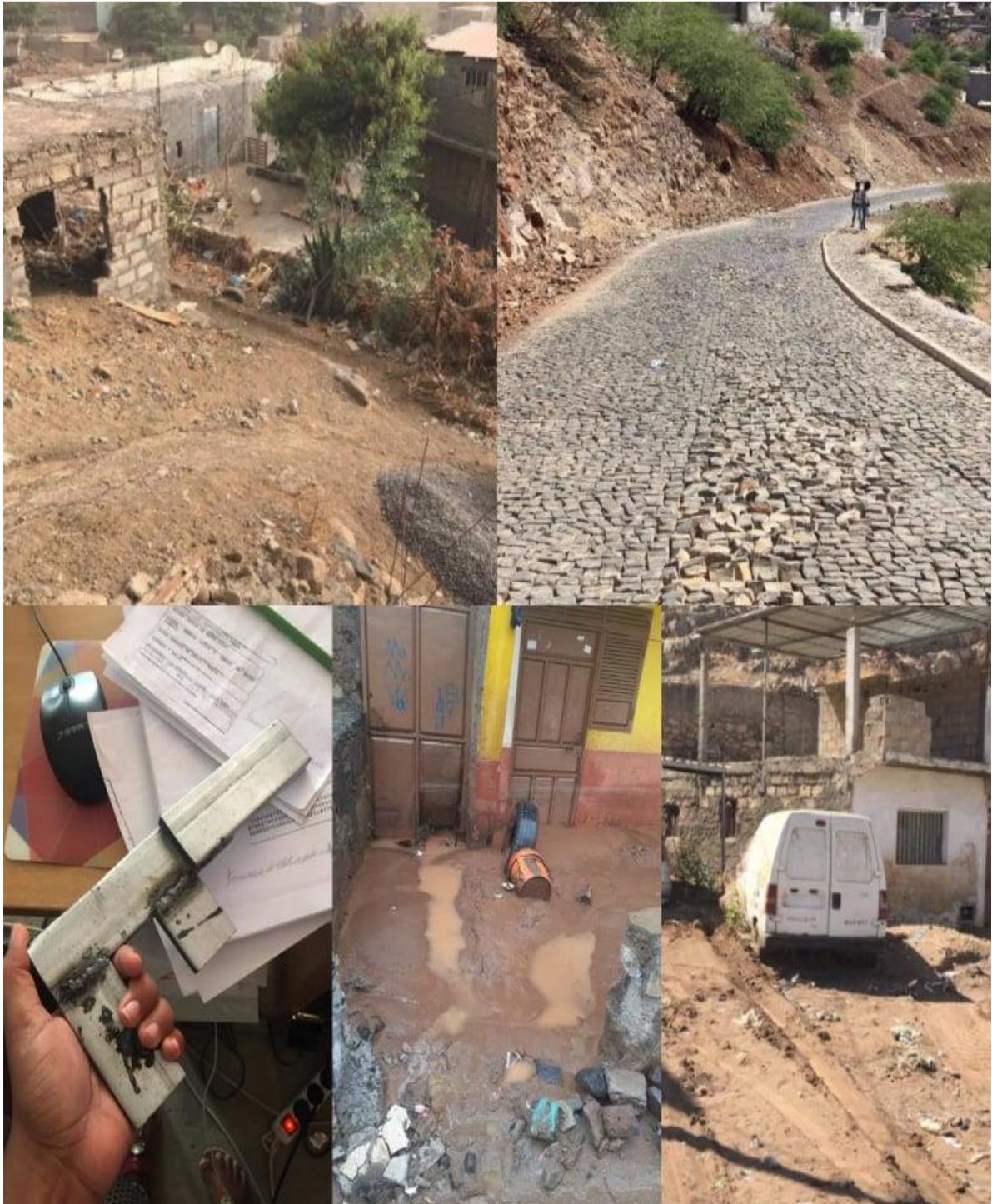
Criação do baú da oficina onde era guardado os materiais usados na oficina



**Fotografia 44.** O Baú da oficina. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 44

Algumas fotografias da comunidade partilhadas pelos participantes



**Fotografia 45.** Comunidade de Safende. **Fonte:** Cedida pelos participantes da oficina.

ANEXO 45



**Fotografia 46.** Comunidade de Safende. **Fonte:** Cedida pelos participantes da oficina

ANEXO 46

23ª sessão: Montagem do trabalho “Rialidadi”



**Fotografia 47.** Montagem do painel das cenas a serem ensaiadas. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 47

24ª sessão Montagem do trabalho “*Rialidadi*” e visita do encenador/ actor João Paulo Brito



**Fotografia 48.** Exercício de aquecimento. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 49.** Momento de partilha com João Paulo Brito. **Fonte:** Acervo pessoal



## ANEXO 48

### 25ª sessão com o bailarino e coreográfico Djam Neguim

**J.:** “Gostei muito da sessão de hoje, os jogos e exercícios que fizemos aqui hoje, não senti muita dificuldade, a questão da presença, ocupação de espaço, ser verdadeiro em cena ter intencionalidade em cena, são coisas que sempre temos vistos e exercitado nas nossas sessões de várias formas diferentes. Espero que o Djam possa vir cá mais vezes opara nos ensinar mais coisas, pois gostei mesmo muito”.

**D.:** ” A sessão foi muito fixe, senti dificuldades em alguns exercícios de imitação (riso), quando disseram que íamos ter uma sessão diferente com um bailarino, 1ª pensei que íamos aprender a dançar Zouck (risos), não foi isso que aconteceu (risos), mas gostei muito, uma das coisas que percebi é sobre a importância de saber comunicar corretamente e não importa se é falado, escrito ou com gesto (risos), mas foi muito bom e espero repetir mais vezes e da próxima vez com alguns passos de dança (risos).”

**J.:** “A aula foi muito divertido, e aprendi muitas coisas novas, como sempre tem sido (risos), tive dificuldade em imitar a barata (risos), aprendi também sobre a importância de saber comunicar para evitar que a mensagem passe de forma errada, mas gostei muito”.

**C.:** “A sessão foi muito fixe, gostei muito (risos), em todos os jogos e exercícios que fizemos aprendemos muitas coisas entre os quais, que devemos ter cuidado com o eu transmitimos e também com o que recebemos. Queria aprender uns passos de dança também (risos) ou alguma coreografia (risos).”

## ANEXO 49

**K.:** “A sessão foi muito boas, aliás como sempre( risos), apesar de ter chegado um pouco atrasada, mas gostei dos jogos e exercícios que pude fazer, foram todos muito interessantes,”.

### Fotografia



**Fotografia 50.** Sessão com Djam Neguim. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 50

26ª Sessão

Seleção dos objetos de cena e ensaios do trabalho final durante o mês de maio para apresentação na comunidade



**Fotografia 51.** Sessão de ensaios. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 51

### Preparação para apresentação na comunidade



**Fotografia 52.** Preparação para a 1ª apresentação na comunidade. **Fonte:** Acervo pessoal



**Fotografia 53.** Preparação para a 1ª apresentação na comunidade. **Fonte:** Acervo pessoal

## ANEXO 52

**Espaço Kaza di Amizadi, onde foi desenvolvido a oficina e apresentado o trabalho, na comunidade.**



**Fotografia 54.** Sala preparada para a 1ª apresentação na comunidade.  
**Fonte:** Acervo pessoal

### **Entrega de certificados no fim da apresentação**



**Fotografia 55** Entrega dos certificados. **Fonte:** Cedida pelo Jornalista Luis Carvalho.  
Évora 2022

## ANEXO 53



**Fotografia 56** Após a 1ª apresentação na comunidade. **Fonte:** Cedida pelo Jornalista Luis Carvalho.



## ANEXO 54

**Partilha de como foi a experiência vivida ao longo dos 4 meses da oficina, concluída com apresentação da peça “*Rialidadi*”.**

**J.:** “Essa oficina foi muito além do que eu esperava, no final fizemos várias apresentações em lugares diferentes, até criamos um grupo de teatro que é para podermos continuar a fazer apresentações, divertir e ajudar os outros a ter as mesmas experiências que tivemos, obrigada pela oportunidade minha querida professora (ela disse para não trata-la assim, mas eu gosto (risos)), Nereida Carvalho.”

**Í.:** “A minha experiência durante a oficina foi muito boa, porque acabei por perceber coisas que antes não via, aprendi a apreciar silêncio, e controlar a nossa mente e o nosso corpo no momento certo. Estou muito grato, pois sendo um ex-presidiário sujeito a muitos julgamentos, pude partilhar a minha história, sobre a realidade de estar preso, o outro lado da história que a maioria não conhece, com todos os altos e baixos de quem está preso e dar a realidade da minha comunidade, tudo isso através do teatro.”

**C.:** “Superou todas as minhas expectativas, porque sempre via teatro com outros olhos, e com esta oficina vi que teatro não é só fazer palhaçadas, (risos) mas sim exige muito esforço de cada um de nós e muita seriedade, porque vi que aqueles que brincavam mais tiveram mais dificuldades, eu aprendi muitas coisas que não esperava que aprenderia numa oficina de teatro, e acredito que criamos um laço entre nós que fez com que essa oficina se tornasse muito mais interessante, já não tínhamos medo de errar uma vez que tínhamos muita união e quando alguém não conseguia fazer uma coisa era apoiado ou corrido sem nenhum constrangimento.”



## ANEXO 55

**L.:** “Para mim, foi bom estar num projeto como este, foi muito gratificante porque aprendi muitas coisas, como por exemplo equilíbrio do corpo, como respirar, aprendi que o teatro não é só fazer rir, vai mais além, o teatro pode ser usado para passar informação, para formar, mostrar e transformar não só uma pessoa como uma comunidade inteira. Adorei a formação e não queria que ficasse por aqui, mas sim ir além. A minha expectativa foi alcançada, e ultrapassada, adorei todas as sessões e como a mesma foi conduzida, adorei a formadora(risos) e os formados também deram muita entrega, e tudo isto pode ser comprovado na peça de teatro que apresentamos”.

**N.:** “Foi algo novo e desafiador, uma experiência única e muito especial. No início foi um pouco estranho e difícil fazer os exercícios, mas com o decorrer das aulas e com a prática fui me adaptando e compreendendo o sentido de cada movimento, dinâmica/exercício. A oficina conseguiu surpreender-me positivamente, vi em mim uma capacidade de entrar e viver o personagem de uma forma que nunca imaginei, adquiri muitas ferramentas que vão ser úteis não só no ambiente teatral como na minha vida pessoal e profissional”.

**D.:** “Eu gostei muito de ter feito essa oficina, na primeira oficina achei estranho e como tinha muita timidez pensei que nunca conseguiria estar a frente de uma plateia ainda mais a atuar. Fiquei mesmo muito feliz, agora estou mais á vontade para estar a falar e de expressar o meu sentimento. A professora (esqueci-me que não é para chamar professora, (risos)) foi espetacular também (risos).”

**M.:** “Eu gostei muito, fiz muitas coisas que não sabia que conseguiria fazer e aprendi muito em todas as sessões. Experimentei muitas coisas diferentes e gostei muito”

## ANEXO 56

**A.:** “Foi espetacular essa oficina, sou muito grata á nossa querida formadora, por ter vindo tão longe e ter escolhido a nossa comunidade para realizar esse projeto. Eu aprendi muito e cada sessão foi diferente sempre com novidades. Foi espetacular(risos).

**J.:** “Para mim foi espetacular, não sabia que teatro era assim, antes tinha muita vergonha de falar o que pensava, mas agora já não, aprendi muitas coisas novas e nos divertimos muito(risos)”.

### Ensaaios do trabalho o para apresentação no Palácio de Cultura Ildo Lobo



**Fotografia 57** 3ª apresentação no palácio de cultura Ildo Lobo. **Fonte:** Cedida pelo Fabrísio Delgado



**Fotografia 58** 3ª apresentação no palácio de cultura Ildo Lobo. **Fonte:** Cedida pelo Fabrísio Delgado

Évora 2022

ANEXO 57

Apresentação no Palácio de Cultura Ildo Lobo



CENA 1- REPRESENTAÇÃO  
DA COMUNIDADE ATRAVÉS  
DE RITMOS E SONS



CENA 2- TEMA  
DESEMPREGO

Fotografia 59. Apresentação no palácio de cultura Ildo Lobo. Fonte: Acervo pessoal



CENA 3-ALCOOLISMO



CENA 4-DROGAS

Fotografia 60. Apresentação no palácio de cultura Ildo Lobo. Fonte: Acervo pessoal

Évora 2022

ANEXO 58



CENA 5-A VIOLENCIA NA  
COMUNIDADE



CENA 6-TRABALHADORES  
DA COMUNIDADE

Fotografia 61 Apresentação no palácio de cultura Ildo Lobo. Fonte: Acervo pessoal



CENA 7-PESSOAS MAIS  
VELHAS



CENA 8-TEMA  
VOLUNTARIADO

Fotografia 62 Apresentação no palácio de cultura Ildo Lobo. Fonte: Acervo pessoal



## ANEXO 59

Cartaz da 1ª e 2ª apresentação

 UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
ESCOLA DE ARTES

© Mestrado em Teatro da Universidade  
de Évora APRESENTA:

# “RIALIDADE”

CRIAÇÃO TEATRAL NO ÂMBITO DO PROJECTO FINAL  
DE MESTRADO EM TEATRO – TEATRO COMUNITÁRIO-  
ENSINO DO TEATRO E CIDADANIA.

CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO:  
CARLA, BÁ, MAYRA, JOELMA, NANDA, JANDIRA, DJEISOM E LARI-  
NHA

ENCENAÇÃO E SONOPLASTIA  
NEREIDA DE CARVALHO DELGADO

ORIENTADORA:  
ISABEL BEZELGA

**DIA:** 3 DE JULHO  
**LOCAL:** KAZA DI AMIZADI, RUA D'OBRA, SAFENDE  
**HORA:** 18 h00

**ENTRADA LIVRE**

**APOIO:**  ACAS

Fotografia 63. Cartaz da 1ª apresentação na comunidade. Fonte: Acervo Pessoal.



## ANEXO 60

### Cartaz da 3ª apresentação

UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
ESCOLA DE ARTES

**O Mestrado em Teatro da Universidade de Évora APRESENTA:**

**“RIALIDADE”**

**CRIAÇÃO TEATRAL NO ÂMBITO DO PROJECTO FINAL DE MESTRADO EM TEATRO –TEATRO COMUNITÁRIO- ENSINO DO TEATRO E CIDADANIA.**

**CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO:**  
**BÁ, CARLA, DJEISOM, JANDIRA, JOELMA, LARINHA MAYRA, NANDA, NÉLIDA**

**ENCENAÇÃO**  
**NEREIDA DECARVALHO DELGADO**

**LUZ E SOM:**  
**FABRÍSIO CANIFA DELGADO**

**ORIENTADORA:**  
**ISABEL BEZELGA**

**DIA: 14 DE AGOSTO**  
**LOCAL: PALÁCIO DE CULTURA ILDO LOBO**  
**HORA: 19 h00**

**ENTRADA LIVRE MEDIANTE RESERVA ATRAVÉS DOS Nº 9557183 (swag)/ 5160600**

**APOIO:**  **ACAS**  
Associação Comunitária Amigos de Safede

 **PALÁCIO DA CULTURA ILDO LOBO**

Fotografia 64. Cartaz da 3ª apresentação na comunidade. Fonte: Acervo Pessoal.